

cinemateca

FEVEREIRO 2020



JEAN GRÉMILLON - O OUTRO GIGANTE | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD | LEONARDO DI COSTANZO - COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA | DOUBLE BILL | LEMBRAR ANNA KARINA IN MEMORIAM MANUEL JORGE VELOSO | PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA | CINEMATECA JÚNIOR

CINEMATECA JÚNIOR

Em fevereiro, vamos apanhar um comboio cinematográfico com paragem em várias estações em países muito distintos. Começamos nos Estados Unidos com uma paródia deliciosa aos filmes de ação – THE LAST ACTION HERO, com Arnold Schwarzenegger a rir-se de si próprio e das receitas estafadas dos *blockbusters*. Do cinema no cinema seguimos para dois programas de animação japonesa: O MUNDO SECRETO DE ARRIETY de Hiromasa Yonebayashi, no dia 8, e um programa de curtas metragens de Koji Yamamura no dia 15. Estas duas sessões foram programadas em colaboração com o PLAY - Festival Internacional de Cinema Infantil & Juvenil de Lisboa. Ainda com o PLAY, vamos fazer uma SANDUÍCHE DE SONS, em que uma curta de Yamamura, “AS SANDUÍCHES”, será ressonorizada por ilustres sonoplastas de palmo e meio. Do Japão, e a tempo de festejar o carnaval, partimos para o Rio de Janeiro com RIO, uma comédia musical com muito samba em animação do brasileiro Carlos Saldanha. No final da viagem, regressamos aos Estados Unidos e damos um pulinho ao passado. Na oficina *Operador de Câmara por um Dia!*, vamos aprender novas palavras e expressões como “magazine”, “obturador”, “película” ou “câmara escura” e construir um protótipo em cartão da câmara de filmar usada por Buster Keaton no filme THE CAMERAMAN. Encerramos a viagem com outra pérola do burlesco da era do mudo – SEVEN YEARS BAD LUCK de e com Max Linder, uma das primeiríssimas estrelas do género que foi, imagine-se, uma inspiração para Chaplin.

▶ Sábado [1] 15:00 | Salão Foz

LAST ACTION HERO

O Último Grande Herói

de John McTiernan

com Arnold Schwarzenegger, F. Murray Abraham, Art Carney, Charles Dance, Ian McKellen

Estados Unidos, 1993 – 130 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O sucesso de bilheteira ficou aquém das expectativas, mas LAST ACTION HERO é o melhor e o mais divertido dos filmes interpretados por Arnold Schwarzenegger. E também um dos mais movimentados. É a história de uma “personagem de cinema” que, por um ato de magia ativado por um garoto seu admirador, “entra” no mundo real. A apresentar em cópia digital.

▶ Sábado [8] 15:00 | Salão Foz

KARI-GURASHI NO ARIETTI

O Mundo Secreto de Arrietty

de Hiromasa Yonebayashi

Japão, 2010 – 95 min / legendado em português | M/6

Primeira longa-metragem de Yonebayashi, O MUNDO SECRETO DE ARRIETTY foi realizado no famoso Studio Ghibli, do mítico Hayao Miyazaki e com o qual trabalhou como animador nos filmes A VIAGEM DE CHIHIRO e PONYO À BEIRA MAR. O MUNDO SECRETO DE ARRIETTY é uma história simples sobre uma miúda, uma minúscula criatura, que vive numa minúscula casa debaixo do chão com a sua minúscula família que luta pela sua sobrevivência. O ambiente é mágico e muito sedutor, pelo jogo de cores e pelos cenários cheios de pormenores onde se destaca a forte presença da natureza além da amizade especial entre a pequena Arrietty e o jovem Shō. A apresentar em cópia digital.

▶ Sábado [15] 11:00 | Salão Foz

OFICINA

UMA SANDUÍCHE DE SONS

Conceção e Orientação: Cláudia Alves

Dos 4 aos 7 anos | Duração: 1 hora e 30 minutos | Preço: 4€ por criança

A partir da curta-metragem de animação “AS SANDUÍCHES”, de Koji Yamamura, vamos reinventar o universo sonoro do filme. Criaremos sons para os objetos, diálogos para as personagens e até uma trilha musical. Onde te leva a tua imaginação?

Por marcação, até 11 de fevereiro, em cinemateca.junior@cinemateca.pt

▶ Sábado [15] 15:00 | Salão Foz

SESSÃO DE CURTAS-METRAGENS DE KOJI YAMAMURA

KARO AND PIYOBUP: A HOUSE

“Karo and Piyobupt: A Casa”

Japão, 1993 – 4 min

KARO AND PIYOBUP: SANDOITTI

“Karo and Piyobupt: As sanduíches”

Japão, 1992 – 4 min

KARO AND PIYOBUP: AME NO HI

“Karo e Piyobupt: Imaginação”

Japão, 1993 – 4 min

KIPLIN JR.

Japão, 1993 – 15 min

YOUR CHOICE!

“A Tua escolha!”

Japão, 1999 – 14 min

Duração total da sessão: 41 min | Locução ao vivo em português | M/4

A sessão apresenta um conjunto de curtas-metragens de animação do realizador e ilustrador de livros infantis, Koji Yamamura, realizadas nos anos noventa. São várias histórias: a de Karo e Piyobupt, os pássaros azul e cor-de-rosa, que constroem uma casa, preparam sanduíches e inventam aventuras incríveis, a do cachorro sonhador Kipling Júnior que enfrenta os seus medos através de aventuras com os seus amigos insetos e músicos e por fim a do crocodilo Raoul que tem que fazer uma escolha nada fácil entre ir ao dentista ou ao cabeleireiro. Pequenos heróis engraçados, caprichosos mas muito poéticos que seduzirão pequenos e graúdos. A apresentar em cópia digital.

▶ Sábado [22] 15:00 | Salão Foz

RIO

Rio

de Carlos Saldanha

Estados Unidos, 2011 – 96 min / dobrado em português | M/6

Blu é uma arara colorida domesticada de uma espécie em vias de extinção, que vive numa pacata cidade nos Estados Unidos com Linda, a sua dona e melhor amiga. Quando os cientistas anunciam a descoberta de uma fêmea da sua espécie no Rio de Janeiro, Blu e Linda decidem partir à aventura, de forma que Blu possa encontrar, e - porque não - apaixonar-se pela arara Jewell. Já no Brasil, quando as duas aves se encontram, algo terrível acontece: Blu e Jewel são raptados por um grupo de traficantes de aves exóticas. Com a ajuda da desembaraçada Jewel e de um grupo de pássaros de cidade astutos e manhosos, conseguem escapar. Com a nova amiga a seu lado, Blu terá de arranjar coragem para ultrapassar a sua fobia e aprender a voar. Uma comédia musical (com muito samba) de animação realizada pelo brasileiro Carlos Saldanha, criador de A IDADE DO GELO.

▶ Sábado [29] 11:00 | Salão Foz

OFICINA

OPERADOR DE CÂMARA POR UM DIA!

Conceção e orientação: Cláudia Alves

Para crianças dos 6 aos 10 anos | Duração: 2 horas | Preço: 4€ por criança

Inspirados na personagem de Buster Keaton em THE CAMERAMAN, nesta oficina vamos perceber como é que uma câmara de filmar capta a realidade à nossa volta, tentando sobreviver a várias peripécias. Filmar é uma aventura, tens de estar preparado! Já ouviste falar em “magazine” e em “obturador”? O que é um “quadro” e uma “câmara escura”? De quantos metros de película necessitamos para filmar um minuto? Se a película tem de estar parada quando o obturador dispara, porque é que o espectador vê a imagem em movimento? Essa é a magia do cinema! Para responder a estas questões nada melhor do que pôr mãos à obra! Sim! Vamos construir um protótipo de uma máquina de filmar!

Por marcação, até 25 de fevereiro, em cinemateca.junior@cinemateca.pt

▶ Sábado [29] 15:00 | Salão Foz

SEVEN YEARS BAD LUCK

“Sete Anos de Azar”

de Max Linder

com Max Linder, Alta Allen, Ralph McCullough, Betty K. Peteron, Thelme Percy

Estados Unidos, França, 1921 – 62 min / mudo com intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português | M/12

O francês Max Linder, mestre de Charles Chaplin e inspiração maior para Jacques Tati, vivia um período esplendoroso: era no início dos anos dez do século passado um dos mais prestigiados – e bem pagos – artistas do cinema. A sua partida para os Estados Unidos afigurava-se inevitável na passagem para a nova década. SEVEN YEARS BAD LUCK é o primeiro filme americano de Linder. Nele, um novelo de situações infelizes vai desenrolar-se depois de um noivo prestes a dar o nó (o próprio Linder) ter partido um espelho – sete anos de azar que ameaçam comprometer o enlace. A apresentar em cópia digital.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR.....	2
JEAN GRÉMILLON – O OUTRO GIGANTE.....	3
LANA TURNER, DE HOLLYWOOD.....	6
LEONARDO DI COSTANZO – COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA.....	8
DOUBLE BILL.....	9
LEMBRAR ANNA KARINA.....	10
IN MEMORIAM MANUEL JORGE VELOSO.....	11
HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS.....	12
O QUE QUERO VER.....	12
ANTE-ESTREIAS.....	12
COM A LINHA DE SOMBRA.....	13
IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO).....	13
PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA.....	14
NO CENTENÁRIO DO TRATADO DE VERSALHES.....	14
INADJECTIVÁVEL.....	14
CALENDÁRIO.....	15/16

AGRADECIMENTOS

Leonardo Di Costanzo; Solveig Nordlund; Pierre-Marie Goulet, Hernâni Duarte Maria, Pedro Noel da Luz, Alexandre Braga, Bruno Braz, William Vitória; Alfredo Tropa; Nuno Amorim (Animais); Paulo Trancoso (Academia Portuguesa de Cinema); Luisa Violo (Instituto Italiano de Cultura em Portugal); Teresa Garcia (Os Filhos de Lumière); Catarina Ramalho (Festival Play); Pedro Florêncio, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Centro de Estudos Comparatistas, João Coimbra Oliveira (Linha de Sombra); Mónica Dias (Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica), Pedro Aires Oliveira (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova); Miguel Patrício; Fernando Galrito (MONSTRA); Corinna Reicher (British Film Institute); Jön Wengström, Johan Ericsson (Swedish Film Institute); Matthieu Grimault (Cinémathèque Française); Marie Carrez (Cinémathèque de Bretagne); Eric Leroy, Sophie Le Tétour (C.N.C.); Esther Martín (Filmoteca Española).

CAPA

GUEULE D'AMOUR

Passou uma Mulher

Jean Grémillon (França, 1937)



CULTURA



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | Fax 213 523 189
cinemateca@cinemateca.pt | www.cinemateca.pt

JEAN GRÉMILLON – O OUTRO GIGANTE

“Para nós, era uma evidência que Grémillon foi o maior cineasta francês dos anos 30-50 a par de Renoir.”

Jean Douchet

A declaração do grande crítico Jean Douchet surge numa entrevista de 2013 aos *Cahiers du Cinéma*, quando lhe perguntaram porque Jean Grémillon (1901-59) não fizera parte dos cineastas defendidos pela revista nos anos 50, quando esta fez uma drástica revisão de valores e nomes no cinema francês. Grémillon não foi atacado, mas tão pouco foi enaltecido, passou em silêncio. Na citada entrevista, Douchet explica ainda que naquele momento “era preciso defender Renoir, que regressava dos Estados Unidos. Mas é verdade que devíamos tê-lo posto na lista dos outros grandes nomes que defendemos à época: Bresson, Becker, Ophuls. Grémillon foi esquecido no movimento passional que agitava os “Cahiers”, mas nunca foi atacado. Não sentimos necessidade de defendê-lo. Ele estava no seu lugar”. Infelizmente, este lugar era o de um “cineasta maldito”, cujo nome era certamente muito menos conhecido pelos espectadores do que os seus contemporâneos franceses mais ilustres (Renoir, Marcel Carné, René Clair e Julien Duvivier), um homem cujos melhores filmes foram muitas vezes fracassos comerciais, o que o obrigou a realizar projetos que não lhe interessavam muito, ao passo que alguns dos seus projetos mais pessoais não se concretizaram. Estas desventuras sucedem a quase todos os realizadores, mas raramente de modo tão violento. A “maldição” de Jean Grémillon vem de longe e um artigo de 1946 na revista *Écran*, contém as seguintes palavras: “Jean Grémillon goza da estima dos seus pares e da desconfiança dos produtores. Ele não gostaria de inverter a ordem destes fatores por nada neste mundo. Tem grandes projetos e uma vida difícil. Tem amor pelo seu ofício, que lhe agradece traindo-o cruelmente, com uma perfeita injustiça. Será Jean Grémillon o realizador maldito do cinema francês?”. Mas no seu caso, “maldito” não significa desconhecido ou ignorado, pois Grémillon desde os anos 30 foi defendido por importantes críticos e historiadores e em todas as fases da sua carreira pôde trabalhar com técnicos e atores de renome, como Jean Gabin, Michèle Morgan, Charles Vanel, Pierre Brasseur, Madeleine Renaud, Micheline Presle.

A comparação que Jean Douchet estabelece entre Grémillon e Jean Renoir não é fortuita. Dos seus contemporâneos franceses, aquele de quem ele é mais próximo é sem dúvida Renoir, o mais inclassificável de todos. Como ele, Grémillon abordou diversos géneros cinematográficos, mas sempre um pouco ao lado das convenções de género, mas de maneira talvez ainda mais radical: “Renoir joga o jogo sem jogar. Grémillon nem sequer finge que joga. Para Renoir, trata-se sempre de saber que papel representamos na vida, para ele a vida é um teatro. Grémillon, pelo contrário, recusa o teatro. As personagens dirigem-se para uma espécie de revelação delas mesmas”, diz Douchet. Isto talvez explique a conclusão a que chega o crítico: “Julgo que as pessoas não sabem apreendê-lo”. De facto, alguns admiradores de Grémillon perguntam-se se uma das razões do seu cinema não ter tido mais impacto não se deve ao facto da sua linguagem ser clássica, não espalhafatosa, da sua vontade de dizer mais com menos. No entanto, Grémillon tem um sentido visual agudo e não faltam ao seu cinema grandes cenas “barrocas”, festas ou bailes de máscaras em que os conflitos explodem e a verdade sobre as personagens se revela.

A obra de Grémillon atravessa todas as etapas do cinema clássico francês, do período mudo ao momento em que nascia a Nouvelle Vague, em fins dos anos 50 e em todas estas fases o seu cinema deixou a sua marca. A curva da sua carreira é marcada por altos e baixos. Depois de realizar vinte curtas-metragens documentárias (que se perderam), Grémillon realiza, ainda no período mudo, os esplêndidos *GARDIENS DE PHARE* (1926) e *MALDONE* (1927), o primeiro passado num farol e com ecos visuais do cinema de vanguarda, o segundo quase inteiramente filmado ao ar livre. No início dos anos 30, quando o cinema sonoro se impõe, as novas convenções narrativas ainda não se tinham definido e a linguagem cinematográfica era livre. No entanto, os dois primeiros filmes sonoros de Grémillon - os extraordinários *LA PETITE LISE* e *DAÏNAH LA MÉTISSE* - eram de tal modo insólitos que ele se tornou *persona non grata* entre os produtores. Exilou-se então em Espanha, onde realizou dois filmes extravagantes e dali passou a Berlim, realizando nos estúdios da UFA quatro filmes. O terceiro, *GUEULE D'AMOUR/PASSOU UMA MULHER* (1937), com Jean Gabin então no auge da sua carreira e do seu mito, foi um grande êxito e fez de Grémillon um realizador de prestígio. Paradoxalmente, foi durante a Segunda Guerra Mundial, quando a França estava ocupada pela Alemanha nazi, que este homem de esquerda, companheiro de viagem do Partido Comunista e ligado a movimentos de resistência, chegou ao cimo da sua carreira. O facto de realizadores franceses de grande prestígio, como Renoir, Clair e Duvivier se terem expatriado em Hollywood abriu espaço e, apesar das terríveis circunstâncias, entre 1940 e 1943 Grémillon realiza três dos seus filmes mais admirados: *REMORQUES*, *LUMIÈRE D'ÉTÉ* e *LE CIEL EST À VOUS*. Mas o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial foi marcado por uma série de frustrações. O seu documentário sobre a libertação da Normandia, *LE SIX JUIN À L'AUBE*, encontrou obstáculos junto às forças militares americanas, mas foi levado a cabo. Porém um ambicioso projeto sobre a Comuna de Paris e um filme passado entre a Guerra de Espanha e a libertação de Paris tiveram de ser abandonados por falta de financiamento. Até mesmo uma encomenda oficial do Estado para um filme sobre a revolução de 1848 foi posta de lado, sem dúvida devido ao tenso contexto político da época. O fracasso comercial de *L'AMOUR D'UNE FEMME/O AMOR DE UMA MULHER* (1953) pôs fim à sua carreira e nos seus últimos cinco anos de atividade Grémillon só pôde realizar curtas-metragens, sobre temas tão variados como a alquimia, a astrologia, as tapeçarias de Gobelins e a pintura de André Masson.

Grémillon ficou profundamente ligado à Cinemateca Francesa, da qual foi presidente entre 1944 e 1958, o que contribuiu certamente para que os seus filmes não se perdessem e não fossem esquecidos. Embora nem sempre seja fácil definir o que faz a qualidade e a beleza do seu cinema, o crítico e historiador Bernard Eisenschitz conseguiu-o, com as seguintes palavras: “Grémillon insiste num cinema da responsabilidade, um cinema popular, que combina as forças da ficção e as da não-ficção, os valores artesanais e a inspiração de um autor. O que caracteriza os seus filmes mais conseguidos é o domínio que ele tem sobre o material sobre o qual trabalha. Mas há um outro aspeto, ausente dos comentários críticos, mas que é evidente nos filmes: a afirmação da impossibilidade da harmonia, os conflitos entre o amor e a vocação resolvidos sem as mitologias que sempre lhes são associados, as contradições sociais que explodem em frustrações sexuais”. Neste ponto, Eisenschitz coincide com Jean Douchet, que considera que “a sexualidade é uma porta de entrada indispensável para o seu cinema. Para Grémillon, a questão essencial é: como sentir a vida e como não entrar a coisa essencial que dá vida à vida? Isto é, a sexualidade, as sensações ou a relação amorosa, embora Grémillon não ilustre a trama clássica de um encontro amoroso.”

Ao longo dos anos, a Cinemateca Portuguesa mostrou quase toda a obra de Jean Grémillon, sem deixar de lado nenhum dos seus filmes importantes, alguns dos quais foram mostrados mais de uma vez. Trata-se porém da primeira vez que a sua obra é aqui reunida numa retrospectiva, à qual faltam apenas algumas curtas-metragens e a longa *PATTES DE MOUCHE* (que não existem atualmente cópias projetáveis), mas que inclui algumas longas-metragens raríssimas, como *VALSE ROYALE* e *POUR UN SOU D'AMOUR*. Quanto mais os filmes de Jean Grémillon forem conhecidos, mais o seu talento será reconhecido.



- ▶ Quarta-feira [5] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

CHARTRES

França, 1923 – 13 min / mudo, legendado eletronicamente em português

MALDONE

de Jean Grémillon

com Charles Dullin, Roger Karl, Genica Athanasiou

França, 1927 – 85 min / mudo, legendado eletronicamente em português

Duração total da sessão: 98 minutos | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO NAS DUAS SESSÕES

Encomendado por um serviço público, *CHARTRES* é a primeira das dezassete curtas-metragens a terem sido realizadas por Grémillon antes de passar às longas-metragens de ficção. O filme não se limita à célebre catedral gótica da cidade, preferindo, como observou João Bénard da Costa, uma “originalíssima concepção: articular a cidade com a catedral”. Com *MALDONE*, a sua primeira longa-metragem, Grémillon realizou um filme que se passa sobretudo ao ar livre, à beira de rios e canais. O protagonista afastou-se da sua rica família por vontade própria e possui uma barça, com a qual faz transporte de mercadorias. Mas quando o irmão morre, é reencontrado e volta ao lar familiar, como legítimo herdeiro. Porém, acostumado a uma vida livre e com saudades da cigana que fora sua amante, o homem já não se sente à vontade naquele meio. O filme foi produzido pelo seu protagonista, o grande ator Charles Dullin, um dos primeiros nomes importantes do teatro francês a acreditar no cinema, que consegue transmitir perfeitamente “a luta trágica entre duas personalidades antagonistas no mesmo homem, num filme cheio de audácias visuais, tais como insólitos ângulos de câmara, elipses e montagem acelerada” (Albert Decamps).

- ▶ Quinta-feira [6] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA PETITE LISE

de Jean Grémillon

com Alcover, Nadia Sibirskaia, Julien Bertheau

França, 1930 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro filme sonoro de Grémillon é um extraordinário objeto cinematográfico, típico dos grandes filmes deste período de transição, na medida em que não obedece a nenhuma regra, nenhum código narrativo. Alguns críticos viram em *LA PETITE LISE* ecos de Stroheim. A fusão entre “realismo” e evasão, que está no cerne do cinema de Grémillon, faz-se aqui de forma aguda. O filme começa num campo de forçados da Guiana Francesa e continua em Paris, para onde regressa um dos forçados, libertado antes do fim da sua pena e que vai em busca da filha. Grémillon domina totalmente a novidade que era a linguagem do cinema sonoro, com uma segurança impressionante, usando com mestria exemplar a escala de planos e a mudança de ângulos. O resultado é do nível do cinema de Renoir ou Pabst no período, mas o filme foi um fracasso crítico e comercial. A apresentar em cópia digital.

JEAN GRÉMILLON – O OUTRO GIGANTE



REMORQUES



PATTES BLANCHES

- ▶ Sexta-feira [7] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [17] 18:30 | Sala Luís de Pina

DAÏNAH LA MÉTISSE

de Jean Grémillon

com Charles Vanel, Laurence Clavius, Habib Benglia

França, 1931 – 49 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O fracasso comercial de LA PETITE LISE tornou o nome de Grémillon “maldito” entre os produtores e ele começou então uma “travessia do deserto”, de que DAÏNAH, LA MÉTISSE é o primeiro exemplo. Mas também este filme foi “maldito”, pois desagradou aos produtores e foi reduzido de 120 minutos para 90, à revelia do realizador, que o renegou. Quando foi restaurado em 1986, por ocasião dos cinquenta anos da Cinemateca Francesa, o material aproveitável era ainda mais curto, embora seja possível acompanhar as grandes linhas da narração. Mas mesmo mutilado, DAÏNAH, LA MÉTISSE é um objeto surpreendente. A ação tem lugar num transatlântico de luxo, no qual viajam a protagonista e um prestidigitador negro. O simples facto de dois negros serem os protagonistas de um filme francês de 1931 torna DAÏNAH, LA MÉTISSE um objeto insólito e este aspecto é reforçado pela trama narrativa, que chega ao seu ponto culminante num baile de máscaras, uma das muitas festas no cinema de Grémillon a acabar em desgraça. Um filme extraordinário, a (re)descobrir. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [11] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [18] 18:30 | Sala Luís de Pina

POUR UN SOU D'AMOUR

“Por um Tostão de Amor”

de Jean Grémillon

com André Baugé, Josseline Gaël, Gabrielle Fota, Raymond Cordy

França, 1932 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Jean Grémillon não assinou a realização deste seu terceiro filme sonoro, que lhe fora proposto pelo importante produtor Jacques Haïk, tendo como vedeta André Baugé, então famoso cantor de charme. A trama narrativa gira à volta de um quiproquó e de uma conhecida situação narrativa: um milionário, que quer encontrar uma jovem que o ame sinceramente, faz-se passar por pobre e seduz a sobrinha de um velho avarento, que sonhava em encontrar um marido rico para ela. Sobre esta trama, André Baugé lança-se em variadas canções, o que terá sido um desafio interessante para Grémillon, que além de cineasta era músico, tendo inclusive composto a música de alguns dos seus filmes. Um filme extremamente raro, em primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [13] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA DOLOROSA

de Jean Grémillon

com Rosita Diaz, Agustin Godoy, Amparito Bosc, Pilar Garcia

Espanha, 1934 – 74 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois do fracasso comercial de DAÏNAH LA MÉTISSE e da experiência de POUR UN SOU D'AMOUR, Grémillon expatriou-se em Espanha, onde realizou dois filmes, o primeiro dos quais foi LA DOLOROSA. Neste mesmo período Luis Buñuel deixara

Paris e instalara-se em Madrid, onde participou na produção e, ao que parece, na realização de filmes destinados ao “grande público”. Como diz o genérico, LA DOLOROSA é a “adaptação da famosa zarzuela, com música de José Serrano e libreto de Juan José Lorente”. Embora este género musical espanhol seja associado a temas alegres e embora o desenlace sugira um final feliz, o argumento de LA DOLOROSA é melodramático: uma jovem é seduzida, engravidada e abandonada, o pintor que a amava castamente entra para um convento. As cenas cantadas, oito no total, não são coreografadas, nem se situam num palco. Na passagem cantada mais importante, o dueto do par de protagonistas, o canto é em *off*, numa ideia original.

- ▶ Sexta-feira [14] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [21] 18:30 | Sala Luís de Pina

VALSE ROYALE

Valsa Real

de Jean Grémillon

com Henri Garat, Renée Saint-Cyr, Bernard Lancret, Mila Parély

França, 1935 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois do seu exílio espanhol em 1934-35, Jean Grémillon expatriou-se em Berlim, a convite de Raoul Ploquin, que dirigia o departamento de língua francesa da UFA, um dos maiores estúdios da Europa. Ali Grémillon realizaria quatro filmes, em excelentes condições técnicas, o primeiro dos quais foi VALSE ROYALE, versão em língua francesa de um filme originalmente feito em alemão, KOENIGS WALZTER, de Herbert Marisch, com a vedeta Willy Forst e cenários de Walter Röhrig, que colaborara com Murnau nos anos vinte. Tudo começa quando um aristocrata ajuda uma mulher a pôr o seu xaile, que fora arrastado pelo vento, pede um beijo como recompensa e o cavalo dele morde-a. Isto causa um escândalo, que será resolvido através de valsas e intrigas de corte. Um excelente exemplo dos filmes feitos em diversas “versões” (isto é, em diversas línguas) e nos mesmos cenários, nos primeiros tempos do cinema sonoro. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [14] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

CENTINELA ALERTA!

de Jean Grémillon (realização parcial e não assinada)

com Ana Maria Custodio, Angelillo,

Angel Sampredo, Luis Heredia

Espanha, 1935 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Este segundo filme espanhol de Grémillon tem algumas semelhanças com LA DOLOROSA: também aqui uma jovem é seduzida, engravidada e abandonada, porém neste filme o malfeitor regressa para tirar-lhe dinheiro. Entretanto, um cantor, dito o “Rouxinol da Andaluzia”, que está apaixonado por ela, julga-se traído. O filme também contém elementos cómicos e termina com um número musical de palco, em que o casal se reencontra. Para este filme, foi feito um concurso para encontrar a “Shirley Temple espanhola” para o papel da filha da protagonista. Grémillon não concluiu o filme, que não é assinado e talvez tenha sido terminado por Luis Buñuel, que foi o seu diretor de produção. Primeira apresentação, em cópia digital, na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [21] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GUEULE D'AMOUR

Passou uma Mulher

de Jean Grémillon

com Jean Gabin, Mireille Balin, René Lefebvre

França, 1937 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Terceiro dos quatro filmes (o segundo fora LES PATTES DE MOUCHE) realizados em Berlim por Grémillon, GUEULE D'AMOUR teve grande êxito de bilheteira, o que pôs o realizador numa posição de destaque no cinema francês. O filme é feito à volta de Jean Gabin, então a maior vedeta francesa, juntando-o a Mireille Balin, que contracenara com ele em PEPÉ LE MOKO no ano anterior, de modo a aproveitar o êxito daquele filme. Em GUEULE D'AMOUR, Gabin é um garboso soldado, um sedutor, que é seduzido por uma mulher que ele ignora ser uma prostituta de luxo. Depois de deixar a tropa, o homem vai trabalhar numa gráfica e perde o prestígio de que gozava junto dela. Jean Gabin tem uma presença extraordinariamente intensa neste filme, que valoriza ao máximo a sua imagem de símbolo sexual proletário e de homem fundamentalmente bom que é levado, por paixão, a transformar-se num criminoso. Um dos grandes filmes de Jean Grémillon e um dos momentos mais fortes da presença de Jean Gabin no cinema. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [18] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [24] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'ÉTRANGE MONSIEUR VICTOR

Um Erro Judiciário

de Jean Grémillon

com Raimu, Pierre Blanchar,

Madeleine Renaud, Viviane Romance

França, 1938 – 113 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Último dos quatro filmes realizados por Grémillon para os estúdios da UFA, em Berlim, L'ÉTRANGE MONSIEUR VICTOR é, no entanto, típico do cinema francês dos anos trinta: uma trama narrativa que tem uma súbita reviravolta, um ator cuja presença é marcante (Raimu, num desempenho fabuloso), cenários “realistas” de estúdio (e alguns cenários naturais) e magnífica fotografia, com fortes contrastes entre a sombra e a luz. A ação tem lugar em Toulon e o protagonista tem uma dupla vida: de dia é um respeitável comerciante, à noite um temível malfeitor, chefe e receptor de um bando de ladrões. Um jovem sapateiro que fora condenado por um homicídio cometido por Monsieur Victor e fora desterrado para a Guiana foge e chega a Toulon, o que complica a situação. O filme é uma notável pintura da honradez de fachada e é mais um exemplo da excelência da *mise en scène* de Grémillon.

- ▶ Quarta-feira [19] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

REMORQUES

“Reboques”

de Jean Grémillon

com Jean Gabin, Michèle Morgan, Madeleine Renaud

França, 1939-41 – 85 min

legendado em inglês e com legendas eletrónicas em português | M/12

Último filme de Grémillon antes da Segunda Guerra Mundial e da ocupação da França pela Alemanha. Estes acontecimentos perturbaram a realização: a rodagem começou em maio de 1939 e foi interrompida em setembro, quando estalou a guerra. Foi retomada no ano seguinte, quando Gabin já deixara a Europa, com a sua participação no filme inteiramente concluída. Em REMORQUES, Grémillon afasta-se do “realismo”, pois Gabin, capitão de um barco que socorre naufragos, tem uma relação amorosa com uma mulher misteriosa, vinda do mar (Michèle Morgan, sem nada da sua languidez habitual). Entretanto, a mulher do capitão define no seu leito de morte. O desenlace, com uma tempestade no mar e cantos religiosos na banda sonora, aproxima-se do cinema fantástico, da pura poesia.

- ▶ Quinta-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LUMIÈRE D'ÉTÈ

de Jean Grémillon

com Madeleine Renaud, Pierre Brasseur,

Madeleine Robinson, Paul Bernard

França, 1942 – 112 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Atenção
ao
horário

JEAN GRÉMILLON – O OUTRO GIGANTE

LUMIÈRE D'ÉTÈ foi provavelmente o filme mais ambicioso a ter sido realizado por Grémillon na primeira metade dos anos quarenta. A narrativa opõe dois mundos totalmente diferentes, o de um castelão decadente (que Georges Sadoul comparou, à época, a personagens de Sade) e da sua amante e o mundo moderno e voltado para o trabalho dos operários e engenheiros que constroem uma barragem na região. A estes acrescenta-se a figura de um pintor alcoólatra, que desencadeia paixões. Como em tantos filmes de Grémillon, a ação chega ao seu paroxismo num grande baile de máscaras, talvez o mais belo de toda a sua obra, seguido por um desenlace dramático. No seu livro sobre Grémillon, Henri Agel observou a propósito deste filme: “O mundo é uma tragicomédia e neste filme todos os personagens representam. Nos momentos mais intensos de LUMIÈRE D'ÉTÈ já não se trata apenas de um drama em particular, há forças afetivas que se afrontam e desafiam o destino”.

- ▶ Sexta-feira [21] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [28] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE CIEL EST À VOUS

de Jean Grémillon

com Madeleine Renaud, Charles Vanel, Jean Debucourt

França, 1943 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Último filme realizado por Grémillon durante a Segunda Guerra Mundial (“a Ocupação”, para os franceses), LE CIEL EST À VOUS é um dos mais amados pelos admiradores do cineasta. Trata-se da história de uma mãe de família, que depois de voar de avião pela primeira vez, decide, com o apoio do marido, bater um recorde aéreo (Grémillon substitui os efeitos especiais espetaculares, de que não dispunha, por uma rica banda sonora). À época, o filme foi visto por muitos como um apelo à resistência e à luta, embora, paradoxalmente alguns admiradores do Marechal Pétain também o tenham apreciado, por outros motivos (a ideia de sacrifício, a união familiar). De certa forma, LE CIEL EST À VOUS contém a essência do cinema de Grémillon, que declarou a propósito deste filme: “A aviação é apenas um pretexto. Trata-se da transformação de um meio humano numa realidade superior”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [22] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [28] 18:30 | Sala Luís de Pina

L'ÉTRANGE MADAME X

de Jean Grémillon

com Michèle Morgan, Henri Vidal, Maurice Escande

França, 1951 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A segunda longa-metragem realizada por Grémillon a seguir à Segunda Guerra Mundial foi uma encomenda que o realizador aceitou depois de ver frustrados nada menos do que quatro projetos ambiciosos. O filme marca o seu reencontro com Michèle Morgan, com quem trabalhara em REMORQUES e que retomara a sua posição de vedeta a seguir à guerra, que passara em Hollywood. Morgan, que contracenava com Henri Vidal, seu marido na vida real, é uma mulher “com um passado”, casada com um homem rico e tem um amante proletário, que trabalha numa serraria. A mulher compartimenta de tal maneira a sua vida com o marido e a sua relação com o amante, tendo literalmente uma “dupla vida”, que o seu amante pensa que ela é criada de servir na mansão onde vive. Apesar de cenários de qualidade sofrível, o filme mostra a afinidade de Grémillon com o tema da transfiguração dos personagens e a sua capacidade em fazer com que música ritme e comente a ação. Um filme a redescobrir, em primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [24] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [26] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GARDIENS DE PHARE

de Jean Grémillon

com Geymond Vital, Genica Athanasiou, Gabrielle Fontan

França, 1929 – 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO NAS DUAS SESSÕES

Em GARDIENS DE PHARE, a sua segunda longa-metragem, Grémillon concilia elementos narrativos melodramáticos, tirados da peça teatral de êxito da qual o filme foi extraído (um faroleiro tem um confronto fatal com o seu filho, que foi mordido por um cão raivoso) e elementos visuais próximos das vanguardas da época, sobretudo na configuração do espaço do farol onde se passa boa parte da ação. Outro elemento espacial importante no filme é o mar, que acentua o isolamento dos personagens, que estão como que presos numa armadilha. Neste filme, que alguns



MALDONE

aproximaram do *Kammerspiel* alemão, Grémillon, “cuja referência estética é sempre musical: trata-se de orquestrar, de modular” (Henri Agel), articula o filme através de equivalências visuais.

- ▶ Quarta-feira [26] 18:30 | Sala Luís de Pina

LE SIX JUIN À L'AUBE

de Jean Grémillon

França, 1944-45 – 40 min / legendado eletronicamente em português

LES CHARMES DE L'EXISTENCE

de Jean Grémillon, Pierre Kast

França, 1949 – 20 min / legendado eletronicamente em português

LES DÉASTRES DE LA GUERRE

de Pierre Kast

França, 1951 – 20 min / legendado eletronicamente em português

Duração total da sessão: 80 minutos | M/12

O “dia 6 de Junho de madrugada” do título do filme que abre esta sessão, foi 6 de Junho de 1944, o “D-Day”, quando as tropas aliadas desembarcaram na Normandia, numa etapa decisiva da derrota alemã na Segunda Guerra Mundial. Grémillon, que era normando, quis “apenas atestar da maneira mais exata o estado da Normandia depois das batalhas do Verão de 1944”, mas teve dificuldades com as autoridades militares americanas, que restringiram os seus movimentos, provavelmente para tentar ocultar a violência que a libertação da região fez sofrer aos seus habitantes. Pierre Kast considera o filme “um exemplo de lucidez e de sentido artístico na articulação de uma narrativa”. Grémillon também escreveu a música do filme e fez a sua locução. Segue-se LES CHARMES DE L'EXISTENCE, co-realizado por Pierre Kast, que Grémillon conheceu em 1945 e com quem teve uma intensa amizade. LES CHARMES DE L'EXISTENCE é subtítulo “Pequena Crónica Cinematográfica dos Salões de Pintura de 1866 a cerca de 1914”, com obras de “pintores eminentes daquela época”. Esta afirmação é irónica e o filme ridiculariza discretamente, fingindo elogiá-la, a pintura académica do período abordado. Henri Agel define LES DÉASTRES DE LA GUERRE como um filme que é “ao mesmo tempo panfleto, poema e meditação”. Embora ilustrado pelas águas-fortes epónimas de Goya, o nome do pintor nunca é citado, pois trata-se de um filme sobre a guerra de modo geral. Embora Kast tenha assinado sozinho a realização, o trabalho de Grémillon, que escreveu o texto da narração, foi o de um co-realizador.

- ▶ Segunda-feira [24] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PATTES BLANCHES

de Jean Grémillon

com Paul Bernard, Suzy Delair,

Michel Bouquet, Arlette Thomas

França, 1948 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

PATTES BLANCHES deveria ter sido realizado por Jean Anouilh, que escreveu o argumento. Mas apenas dez dias antes do início da rodagem, o dramaturgo desistiu da tarefa, que foi confiada a Grémillon. Este realizou algumas alterações no argumento, que transpôs para o presente e a Bretanha, quando a história original se situava no século XIX e num país imaginário. Embora Grémillon só se tenha ligado ao filme ao último momento, este corresponde ao seu universo, pois permite-lhe ao mesmo tempo ilustrar e ultrapassar o realismo. Um castelão que tem a alcunha de “Patras Brancas” devido às polainas que usa, torna-se amante de uma criada do bar da aldeia, que também é amante do seu meio-irmão e inimigo. Paralelamente a estas relações puramente sexuais, uma criada corcunda está apaixonada em segredo pelo aristocrata. Como em outros filmes de Grémillon, é durante uma festa que o drama explode. Como observou à época Georges Sadoul, fiel admirador do realizador, neste filme ele “une perfeitamente tema e estilo, realidade e sonho, fantástico e observação social”.

- ▶ Quinta-feira [27] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'AMOUR D'UNE FEMME

O Amor de uma Mulher

de Jean Grémillon

com Micheline Presle, Massimo Girotti, Gaby Morlay

França, 1953 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Esta última longa-metragem de Jean Grémillon foi uma amarga experiência do ponto de vista profissional. O filme, cujo argumento foi escrito pelo realizador, foi distribuído de modo quase clandestino, um ano depois de concluído, num único cinema, de pequenas dimensões. Foi, por conseguinte, um absoluto fracasso de bilheteira, que enterrou definitivamente a carreira do realizador. Trata-se de uma história feminista *avant la lettre*, em que uma médica, nomeada para uma pequena aldeia na Bretanha, tem uma ligação sentimental com um engenheiro. Este não quer que ela continue a trabalhar e a mulher vive um conflito entre as suas aspirações profissionais e a sua vida sentimental. Primeira apresentação, em cópia digital, na Cinemateca.

LANA TURNER, DE HOLLYWOOD

F rank O'Hara escreveu um poema que tem o nome dela, *Lana Turner has collapsed!* Inspirado num exclamativo título de notícia de jornal acerca de um escândalo que envolvia a atriz, supostamente lida num ferry que levava O'Hara a Staten Island numa noite de chuva e neve de fevereiro de 1962, o poema refletia os efeitos da celebridade na cultura popular-mediática do início dos anos 1960 americanos. "...oh Lana Turner we love you get up." Na perspetiva dos tabloides, que Hollywood aproveitava quando entendia servir-lhe, a vida de Lana Turner dava páginas de faca e alguidar: um número inusitado de casamentos e divórcios, casos tórridos com parceiros famosos, a tragédia que envolveu o homicídio de um amante e a filha única. Em 1982, Lana Turner publicou as memórias assumindo que queria imprimir a sua própria visão da sua própria história, *Lana: the Lady, the Legend, the Truth*. Não colapsou. Sobreviveu a Hollywood, sobreviveu à imagem pública alimentada pelo dramatismo privado. Foi atriz de cinema e televisão no curso de uma carreira de 50 anos entre finais dos anos 1930 e os 70, em que também fez rádio e teatro. Quando, em 1981, surgiu num episódio da série televisiva *Falcon Crest* o público voltou a render-se e quis mais. Em meados da década de 40 era uma das grandes, grandes estrelas da MGM. Uma criação cinematográfica fascinante, lê-se por estas ou outras palavras em entradas de dicionários vários.

Foi ela quem escolheu mudar oficialmente de nome, largando o Julia Jean Turner de batismo. Conta-se que foi "descoberta" na rua por um editor da *Hollywood Reporter* impressionado com a visão. Sabe-se que os estúdios a acolheram como a promessa de uma explosiva pin-up. Chamaram-lhe *sweater girl* (ela nunca gostou) e deram-lhe papéis de ingénua em finais dos anos 1930, início dos anos 40. Faz parte da lenda que encarnou definitivamente a imagem da mulher fatal quando Tay Garnett adaptou *O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes*, filmando-a a contracenar escaldante e maldita com John Garfield no filme que se tornaria um grande clássico *noir* e o mais icónico título da atriz. Teve parceiros à altura, grandes estrelas como ela, e a vedeta com quem mais vezes emparelhou foi Clark Gable, em quatro produções da MGM que, pensadas como *star-vehicle*, insistiram neles como um casal apanhado nas malhas da Segunda Guerra. Gable serviu durante três anos empenhado no "esforço de guerra" em que Lana participou integrando as digressões organizadas junto das tropas. Fez filmes menos e mais memoráveis, dos vários géneros da época dos grandes estúdios, passando incólume pela comédia, o crime, o western, o musical, o *swashbuckler* e, claro, o melodrama em que encontrou o seu espaço de criatura de cinema. PEYTON PLACE de Mark Robson e IMITATION OF LIFE de Douglas Sirk (1957/59) ou MADAME X de David Lowell Rich (1966) guardam ecos dos turbilhões pessoais. A obra-prima de Sirk é um dos seus grandes papéis, tal como o filme de Minnelli, BORN TO BE BAD (1952) e o mal-amado Cukor com o belo título A LIFE OF HER OWN (1950).

Em 15 filmes, programados para evocar o seu percurso hollywoodiano, voltamos a olhar Lana Turner em fevereiro de 2020. É o ano que porventura marca o centenário do seu nascimento que boa parte das fontes creditam em 1920, indicando outras 1921, ainda que se tome por certo que nasceu a 8 de fevereiro e morreu em 1995, no mês de junho. Uma lenda é uma lenda.



JOHNNY EAGER

- ▶ Sábado [1] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE POSTMAN ALWAYS RINGS TWICE

O Destino Bate à Porta

de Tay Garnett

com Lana Turner, John Garfield, Cecil Kellaway, Hume Cronyn

Estados Unidos, 1946 – 113 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Primeira versão americana de um livro "impossível" de adaptar, dada a carga sensual e amorosa: o clássico *thriller* de James Cain *The Postman Always Rings Twice*, que já fora objeto de duas versões, uma francesa (LE DERNIER TOURNANT, de Pierre Chenal, 1939) e outra italiana (o famoso OSSESSIONE, de Visconti, 1943). Garfield e Lana Turner formam o par de amantes "malditos" neste clássico do filme "negro", com uma atmosfera escaldante. Um momento de antologia: a entrada em cena de Lana Turner, arquétipo da mulher fatal neste filme indissociável da imagem da sua "lenda" e do imaginário *noir* do cinema americano dos anos 1940.

- ▶ Segunda-feira [3] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [5] 18:30 | Sala Luís de Pina

IMITATION OF LIFE

Imitação da Vida

de Douglas Sirk

com Lana Turner, John Gavin, Sandra Dee, Robert Alda, Juanita Moore, Mahalia Jackson, Susan Kohner

Estados Unidos, 1959 – 125 min

legendado em português | M/12

O melodrama absoluto de Douglas Sirk (seu último filme em Hollywood) é o filme de todos os espelhos: duas mulheres, uma branca e uma negra, uma que enriquece, a outra que continua pobre, e as suas duas filhas (a filha da negra passa por branca). À exceção da mulher negra todos imitam a vida e perseguem uma falsa felicidade, simbolizada nos diamantes que caem em catadupa no genérico. Um título obrigatório da filmografia de Lana Turner, num dos seus mais espantosos trabalhos.

- ▶ Quarta-feira [5] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BAD AND THE BEAUTIFUL

Cativos do Mal

de Vincente Minnelli

com Kirk Douglas, Lana Turner, Dick Powell, Gloria Grahame, Barry Sullivan

Estados Unidos, 1952 – 118 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais espantosos retratos que Hollywood fez de si própria. Com SUNSET BOULEVARD, THE BAD AND THE BEAUTIFUL "abre" um novo género, o dos filmes de crítica interna ao sistema, aproveitando a perda de poder dos estúdios. O argumento de Charles Schnee ganhou um dos cinco Oscars do filme, indo outro para Gloria Grahame como melhor atriz secundária. Um realizador, uma atriz e um argumentista evocam as suas vidas com um tirânico produtor de cinema, retrato disfarçado de Irving Thalberg. Lana Turner protagoniza cenas fabulosas como aquela em que é atirada para dentro de uma piscina ou sequências de pura tragédia como a da fuga noturna da sua personagem.

- ▶ Quinta-feira [6] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [8] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE FLAME AND THE FLESH

de Richard Brooks

com Lana Turner, Pier Angeli, Carlos Thompson, Bonar Colleano

Estados Unidos, 1954 – 103 min

legendado em português | M/12

Rodado em Londres e Nápoles em Technicolor, o filme menos conhecido de Richard Brooks não teve direito a estreia em Portugal. Talvez seja o pior filme de Brooks, que assim mesmo o considerava, mas ver Lana Turner num típico (e estereotipado) papel de "devoradora de homens", seduzindo, sob o céu de Nápoles, o jovem compositor Bonar Colleano e o cantor Carlos Thompson, justifica o visionamento. Aqui morena, Lana Turner protagoniza a intriga

apimentada pela cor local e a música napolitana a partir de um romance de Auguste Bailly, já anteriormente adaptado ao cinema.

- ▶ Sexta-feira [7] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [11] 18h30 | Sala Luís de Pina

A LIFE OF HER OWN

Seguirei o Meu Destino

de George Cukor

com Lana Turner, Ray Milland, Tom Ewell, Louis Calhern, Ann Dvorak

Estados Unidos, 1950 – 108 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O melodrama mal-amado de Cukor foi um filme que o realizador desdenhou, apesar de o ter realizado para a MGM cumprindo o contrato que o ligava ao estúdio e dirigindo Lana Turner num papel que lhe permite uma grande interpretação. Ambientado no meio da moda nova-iorquina, A LIFE OF HER OWN tempera a ligeireza do fundo e o mau fado da protagonista, uma mulher apaixonada por um homem casado numa ligação condenada a um final infeliz. Na Cinemateca, não é visto desde 1996. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [7] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

BACHELOR IN PARADISE

Um Solteiro no Paraíso

de Jack Arnold

com Bob Hope, Lana Turner, Janis Paige, Jim Hutton, Paula Prentiss, Don Porter, Virginia Grey, Agnes Moorehead

Estados Unidos, 1961 – 109 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Lana Turner no reino da comédia, dirigida no início dos anos 1960 por Jack Arnold em que contracenava com Bob Hope: Hope interpreta a personagem de um autor de "Bachelor books" sobre a vida amorosa de um homem solteiro em várias cidades do mundo.

LANA TURNER, DE HOLLYWOOD

Confrontado com um problema de impostos, dispõe-se a escrever rapidamente um volume sobre os hábitos sexuais de mulheres suburbanas. A investigação leva-o até à comunidade californiana de Paradise Village cuja população feminina é composta por recém-casadas, à exceção da solteira Rosemary Howard interpretada por Lana Turner. “Um homem solteiro mais donas de casa solitárias igual a muitos maridos zangados.” Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [15] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PEYTON PLACE

Amar Não É Pecado

de Mark Robson

com Lana Turner, Diane Varsi, Arthur Kennedy

Estados Unidos, 1957 – 157 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Típico produto de Hollywood de meados dos anos 1950, em cinemascopo e a cores, com uma complicada história feita para uma *star*, neste caso Lana Turner, no papel de uma mulher “com um passado”, que educa a filha sozinha. Narrado em flashback, o argumento é semelhante ao dos melodramas realizados na época por Minnelli ou Sirk: uma jovem rememora a sua adolescência numa pequena cidade da Nova Inglaterra, no início da década de 40. Por detrás da fachada de religiosidade e moralismo, há abusos sexuais, intrigas e hipocrisia. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [10] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [20] 18:30 | Sala Luís de Pina

ZIEGFELD GIRL

Sonhos de Estrelas

de Robert Z. Leonard

com James Stewart, Judy Garland, Hedy Lamarr,

Lana Turner, Tony Martin, Jackie Cooper,

Ian Hunter, Edward Everett Horton

Estados Unidos, 1941 – 132 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A comédia musical dramática assinada por Robert Z. Leonard e Busby Berkeley, responsável pelos números musicais, reúne duas das mais carnis atrizes olhadas como *pin-ups* dos anos 1940: Hedy Lamarr e Lana Turner. O protagonismo é de James Stewart e Judy Garland, num filme que acompanha as carreiras e destinos de três mulheres que sonham ser descobertas pelo empresário Florenz Ziegfeld e com o êxito nos palcos. Lana Turner interpreta o papel de uma empregada de elevador num grande armazém que sonha com a glória do estrelato pela qual está disposta a sacrificar o amor. Na Cinemateca, não é mostrado desde 2008.

- ▶ Quinta-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [18] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

MADAME X

Madame X

de David Lowell Rich

com Lana Turner, John Forsythe, Ricardo Montalban,

Keir Dullea, Constance Bennett, Neil Hamilton

Estados Unidos, 1966 – 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado numa peça francesa de 1908, MADAME X foi o filme do último *starring role* de Lana Turner, a escolha do produtor Ross Hunter que perseguia o projeto há vários anos, tendo tencionado entregá-lo a Douglas Sirk, consciente de que “os *tearjerkers* são mais difíceis de fazer do que qualquer outro tipo de filme”. Lana interpreta a personagem de uma mulher de origem social humilde, casada com um homem de uma família rica num drama que envolve homicídio, depravação, identidade e várias reviravoltas narrativas. O papel valeu-lhe uma série de elogios críticos e a distinção de um prémio David di Donatello para melhor atriz estrangeira. Foi o último filme de Constance Bennett. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [13] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DR. JEKYLL AND MR. HYDE

O Médico e o Monstro

de Victor Fleming

com Spencer Tracy, Ingrid Bergman, Lana Turner,

Donald Crisp, Ian Hunter

Estados Unidos, 1941 – 117 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Realizada dez anos depois do belíssimo filme de Mamoulian,

é possivelmente a mais famosa das versões cinematográficas do romance de Robert Louis Stevenson, ainda que não seja a melhor. DR. JEKYLL AND MR. HYDE de Fleming teve, contudo, um impacto considerável graças aos notáveis efeitos especiais e às interpretações de Spencer Tracy e Ingrid Bergman. Esta última trocou, à última hora, o seu papel com o de Lana Turner, a quem deixou a personagem “boazinha”. O dela é o de Ivy Pearson, a personagem de Miriam Hopkins no precedente Mamoulian. Perdendo o protagonismo para Bergman, depois do êxito obtido em ZIEGFELD GIRL, Lana Turner entrega-se a um dos seus papéis de ingénua no início dos anos 1940.

- ▶ Sexta-feira [14] 18:30 | Sala Luís de Pina

- ▶ Segunda-feira [24] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

JOHNNY EAGER

Vidas Queimadas

de Mervyn LeRoy

com Robert Taylor, Lana Turner, Van Heflin,

Edward Arnold, Robert Sterling

Estados Unidos, 1942 – 107 min

legendado eletronicamente em português | M/12

No início dos anos 1940, Lana Turner tornou-se uma das grandes estrelas da MGM em filmes de género distintos como o musical e o terror de ZIEGFELD GIRL e DR. JEKYLL AND MR. HYDE (1941), o melodrama em SOMEWHERE I’LL FIND YOU (1942) ou o *noir*, no caso de JOHNNY EAGER, em que volta a ser dirigida por Mervyn LeRoy. O enredo conta a história da enteada de um advogado do Ministério Público, estudante de sociologia, que se apaixona por um gangster criminalmente acusado. Arriscando a incursão num registo em que era a Warner, não a MGM, que dava cartas, o filme é anunciado pelo estúdio como o novo “TNT (Turner ‘n Taylor)”: “They are dynamite in JOHNNY EAGER.” Van Heflin foi distinguido com um Oscar de melhor ator secundário. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [17] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quarta-feira [19] 18:30 | Sala Luís de Pina

THEY WON’T FORGET

Esquecer, Nunca!

de Mervyn LeRoy

com Claude Rains, Gloria Dickson, Edward Norris,

Otto Kruger, Allyn Joslyn, Lana Turner

Estados Unidos, 1937 – 95 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O filme “de estreia” de Lana Turner, que Mervyn LeRoy dirigiu na Warner Bros. no seu primeiro papel de relevo, tem argumento de Robert Rossen, baseado num romance de Ward Greene (*Death in the Deep South*) que por sua vez parte do caso verídico do julgamento e linchamento de Leo Frank pelo homicídio de Mary Pagan em 1913. Quando uma estudante universitária é morta numa pequena cidade do sul dos EUA, um homem é preso e um advogado nortenho toma conta do caso, mas toda a gente parece estar mais interessada nos seus interesses pessoais do que em aplicar a justiça. Lana Turner, morena, interpreta o papel da jovem vítima. As fotografias publicitárias, em que surge de camisola justa, valeram-lhe o cognome “sweater girl”, que para desgosto dela a perseguiu toda a vida. Na Cinemateca, não é mostrado desde 2005.

- ▶ Segunda-feira [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quarta-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE THREE MUSKETEERS

Os Três Mosqueteiros

de George Sidney

com Gene Kelly, Lana Turner, Van Heflin, June Allyson,

Angela Lansbury, Frank Morgan, Vincent Price

Estados Unidos, 1948 – 125 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A mais famosa das adaptações de *Os Três Mosqueteiros* de Dumas é este “musical swashbuckler” com um elenco verdadeiramente luxuoso. George Sidney, especialista do filme musical, dá aos duelos uma verdadeira movimentação coreográfica. D’Artagnan é interpretado por Gene Kelly e cada um dos duelos assemelha-se a uma dança, cheia de ritmo, movimento e humor. E Lana Turner é a mais perturbante e sangrenta Milady de Winter.

- ▶ Quarta-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quarta-feira [26] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GREAT GARRICK

O Grande Garrick

James Whale

com Brian Aherne, Olivia de Havilland,

Edward Everett Horton, Lana Turner

Estados Unidos, 1937 – 89 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Esta pouco conhecida comédia histórica surpreendente pela sua dimensão autorreflexiva foi um dos poucos filmes que James Whale realizou fora da Universal e o seu único Warner Bros. Propondo uma incursão livre na biografia do reputado ator britânico David Garrick (1717-1779) no momento em que é convidado a integrar o elenco da Comédie-Française em Paris para “aprender a ser ator”. “Uma alegre fantasia” assente em dois dados biográficos conhecidos – o génio e a vaidade de Garrick, escreveu Frederico Lourenço. Lana Turner surge num pequeníssimo papel no mesmo ano de 1937 em que Mervyn LeRoy a dirigiu em THEY WON’T FORGET. Na Cinemateca, foi mostrado pela última vez em 1998.

- ▶ Sexta-feira [21] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Sexta-feira [28] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MERRY WIDOW

A Viúva Alegre

de Curtis Bernhardt

com Lana Turner, Fernando Lamas, Una Merkel, Richard Haydn

Estados Unidos, 1952 – 105 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A opereta homónima de Franz Lehár serviu as mais conhecidas adaptações de Erich von Stroheim e Ernst Lubitsch em 1925 e 1934 (além das de Michael Curtiz em 1918 e de Werner Jacobs em 1962). Esta versão Technicolor de 1952 emparelha Lana Turner (dobrada por Trudy Erwin nas canções) e Fernando Lamas nos papéis da viúva rica e do jovem conde com quem o rei da endividada terra natal do marido falecido tenta convencê-la a casar. A coreografia é de Jack Cole, encarregado de pôr o filme a bailar com as duas estrelas não dançarinas da MGM, dirigindo o clímax para o número da valsa. Primeira exibição na Cinemateca.

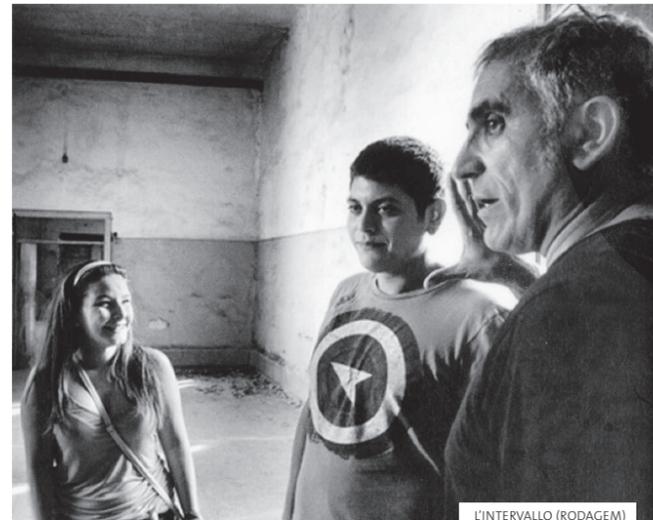


THE BAD AND THE BEAUTIFUL

LEONARDO DI COSTANZO – COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA

Em colaboração com o Instituto Italiano de Cultura, no contexto do 2º ENCONTRO CINEMA E EDUCAÇÃO

Fazendo da paisagem e dialeto napolitanos as principais recorrências do seu trabalho, este italiano originário da ilha de Ísquia descobriu um espaço de intercâmbio entre a realidade, incidindo sobretudo nos bairros pobres sob a lei da organização mafiosa Camorra, e as suas ficções possíveis, tendo por base as observações que tem recolhido com ou sem câmara. Na experiência intensa e exigente de documentar o dia a dia num liceu da periferia napolitana, de que resultou A SCUOLA, Di Costanzo colheu frutos para a sua primeira longa-metragem de ficção, o multipremiado L'INTERVALLO, olhar sobre a adolescência como espaço de refúgio contra as injustiças e dureza do mundo envolvente. Se, por vezes, o documentário colapsa, como acontece em CADENZA D'INGANNO, outras vezes, a ficção torna possível contar uma história tal qual esta merece ser contada – veja-se a sua mais recente ficção, L'INTRUSA, que, como o próprio narra em entrevista concedida aos *Cahiers du Cinéma*, tem por base a história de vida de uma mulher que o cineasta conheceu e acompanhou de perto, mas a possibilidade de a contar num documentário deixava-o desconfortável. As ditas ficções baseiam-se em exemplos reais e são, em regra, interpretadas por atores não profissionais que falam o pouco representado dialeto napolitano, tal como estão familiarizados com uma realidade social minada pela pobreza e a violência. Di Costanzo reconhece a influência de Roberto Rossellini e Jean Rouch, mesmo que, no seu caso, o movimento ficcional esteja ainda mais profundamente enraizado nos sons, cores e problemas locais. As pessoas são sempre os primeiros argumentistas, atores e realizadores dos seus trabalhos. É para e com elas que Costanzo tem vindo a apurar uma escrita cinematográfica de pendor sociológico. Todos os títulos desta retrospectiva (salvo L'INTERVALLO e a curta realizada para a obra coletiva PONTES DE SARAJEVO) são apresentados pela primeira vez na Cinemateca Portuguesa. Esta retrospectiva praticamente completa da obra de Di Costanzo é apresentada em articulação com a segunda edição do Encontro Cinema e Educação. Para além de apresentar as sessões dos seus filmes, o realizador, cujo trabalho várias vezes abordou a questão pedagógica na infância e na adolescência, é um dos participantes do Encontro a decorrer no dia 11 de fevereiro.



L'INTERVALLO (RODAGEM)

▶ Segunda-feira [10] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'INTRUSA

de Leonardo Di Costanzo

com Raffaella Giordano, Valentina Vannino, Martina Abbate

Itália, 2017 – 95 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

com a presença do realizador

Como numa Antígona moderna, somos apresentados a Giovanna, trabalhadora abnegada numa casa que alberga crianças desfavorecidas da cidade de Nápoles. A entrada em cena de Maria, a mulher de um perigoso criminoso da Camorra, e das suas duas filhas vai desestabilizar esta frágil comunidade, colocando Giovanna numa situação de impasse, entre a decisão de expulsar ou de proteger esta família. Di Costanzo, cineasta com uma longa carreira no documentário, assina aqui apenas a sua segunda longa-metragem de ficção, recorrendo a cenários naturais e atores não profissionais (muitos deles crianças e jovens) que falam o pouco ouvido dialeto napolitano. Primeira apresentação na Cinemateca.

▶ Terça-feira [11] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MARGOT ET CLOPINETTE

de Leonardo Di Costanzo

França, 1988 – 21 min / legendado eletronicamente em português

A SCUOLA

de Leonardo Di Costanzo

Itália, França, Alemanha, 2003 – 60 min

legendado eletronicamente em português

Duração total da sessão: 80 minutos | M/12

com a presença do realizador

Margot, parisiense de 82 anos, habita o mesmo apartamento há 60 anos. Distraí a velhice e a solidão tratando de uma grande família de pássaros como se fossem seus filhos e realizando outros rituais domésticos (ainda mais) singulares. Di Costanzo traça o perfil desta *avis rara* um pouco como os irmãos Maysles retrataram “Little Edie” em GREY GARDENS: mostrando o seu estilo de vida e ouvindo-a sobre todo o tipo de temas, da felicidade ao sexo. Em A SCUOLA, a sala de aula é como um campo de batalha. Alunos, professores e pais – ninguém sai incólume. Não há descanso num liceu da periferia de Nápoles (os alunos falam no dialeto napolitano, ao passo que os professores ensinam em italiano), pelo que é o sentido da escola pública que é levado a exame todos os dias. A câmara “mosca na parede” de Di Costanzo faz deste caso um BLACKBOARD JUNGLE da vida real. Primeiras apresentações na Cinemateca.

▶ Quarta-feira [12] 18:30 | Sala Luís de Pina

ODESSA

de Leonardo Di Costanzo

Itália, França, 2006 – 60 min

legendado eletronicamente em português

CADENZA D'INGANNO

de Leonardo Di Costanzo, Bruno Oliviero

Itália, França, 2011 – 58 min

legendado eletronicamente em português

Duração total da sessão: 118 minutos | M/12

com a presença do realizador

Sete marinheiros ucranianos lutam pela sua sobrevivência num navio estacionado há anos na baía de Nápoles. Sem salário e enfrentando o frio e a fome, resta-lhes a boa vontade dos populares. Di Costanzo e Bruno Oliviero documentam a vivência incrível destes “sete fantasmas” de um império perdido. Escreveu a realizadora Claire Simon: “Imagine que Duras e Eisenstein fizeram um filme em conjunto, tal poderia ser ‘Os Sete Marinheiros de Odessa!’” Há filmes que nascem de oportunidades perdidas, ou melhor, adiadas. Di Costanzo queria fazer o retrato filmado de Antonio, um rapaz de 12 anos, a viver turbulentamente no “distrito espanhol” de Nápoles. O filme foi interrompido pela súbita saída de cena do rapaz. Oito anos depois, Antonio vai casar-se e chama Di Costanzo para registar o momento. O filme adiado é agora retomado, à procura de um (des)enlace feliz. Primeiras apresentações na Cinemateca.

▶ Quarta-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'AVAMPOSTO

A Trincheira

de Leonardo Di Costanzo

com Gaetano Bruno, Emanuel Caserio,

Fortunato Leccese, Emiliano Masala

Itália, 2014 – 8 min / legendado eletronicamente em português

L'INTERVALLO

de Leonardo Di Costanzo

com Francesca Riso, Alessio Gallo, Carmine Paternoster,

Salvatore Ruocco, Antonio Buil

Itália, Suíça, Alemanha, 2012 – 90 min / legendado em português

Duração total da sessão: 98 minutos | M/12

com a presença do realizador

Um rapaz, Salvatore, está encarregado de vigiar uma rapariga, Veronica, enquanto esta aguarda por uma punição resultante do facto de ter violado o código da mafia. Durante o curto tempo em que estão juntos, os dois desenvolvem uma relação de cumplicidade e afeto. Esta “visão positiva da adolescência” (palavras da coargumentista Mariangela Barbanente) nasceu diretamente do meio napolitano, sendo que o par de atores foi selecionado localmente e formado no seio de um intenso laboratório de *coaching*. A curta L'AVAMPOSTO foi o contributo de Di Costanzo para a obra coletiva PONTES DE SARAJEVO, que contou com a participação de 13 cineastas europeus, entre os quais Jean-Luc Godard e Teresa Villaverde. Em ano de centenário da Primeira Guerra Mundial, Di Costanzo reconstituiu um episódio da “guerra das trincheiras” seguindo um conto de Federico de Roberto, *La paura*. Trata-se de uma história de resistência de um “soldado-mártir” contra uma ordem superior que quer fazer deste “carne para canhão” durante a reconquista de um ponto estratégico tomado pela facção austro-húngara.

2º ENCONTRO CINEMA E EDUCAÇÃO INDISCIPLINAR A ESCOLA

Em colaboração com o Plano Nacional das Artes e os Filhos de Lumière – Associação Cultural

Num contexto em que, a somar-se aos projetos em curso dedicados à iniciação ao cinema de âmbito europeu ou nacional (Cinema Cem Anos de Juventude, CinED, CINARTS, Shortcut, Plano Nacional de Cinema), está em pleno desenvolvimento uma nova iniciativa governamental do Ministério da Cultura com o Ministério da Educação em que se procura a inserção do cinema e das outras artes nos percursos escolares (o Plano Nacional das Artes), a Cinemateca co-organiza a segunda edição do Encontro Cinema e Educação. Dedicado à discussão alargada da relação entre a educação e as artes – não apenas o ensino artístico mas o universo mais vasto da educação pela arte e o papel das artes em todo o âmbito educativo -, o objetivo deste segundo Encontro Cinema e Educação (que tem como subtítulo Indisciplinar a Escola) será o de trabalhar o cinema como um dos contributos possíveis para rasgar as fronteiras mais convencionais da experiência educativa, ao mesmo tempo que se trabalha a experiência educativa como área exploratória de novos caminhos cinematográficos. Neste encontro, autores e investigadores de várias áreas – tanto do lado da educação como do lado do cinema (ou cruzando as duas, como é o caso de Alain Bergala, autor em França da mais antiga e mas ambiciosa iniciativa de cruzamento entre cinema e educação) – serão convidados a levantar questões e a debater o tema, cruzando experiências e ideias numa agenda de discussão aberta, que permita acima de tudo ampliar o âmbito conceptual normalmente tido em conta neste campo.

O Encontro, aberto a todos os interessados, decorre na Sala M. Félix Ribeiro no dia 11 de fevereiro entre as 10h e as 18h. Todas as sessões do ciclo Leonardo Di Costanzo são organizadas em articulação com o Encontro, do qual são também parte integrante tendo em conta a forma como este autor tem trabalhado (na ficção e no documentário) a relação entre a escola e as comunidades onde estão inseridas e as questões mais latas da educação nas nossas sociedades.

Entrada livre mediante o levantamento de ingresso na bilheteira | Os interessados em participar no Encontro são convidados a inscrever-se através do e-mail divulgacao@cinemateca.pt

DOUBLE BILL

Todos os sábados, celebram-se casamentos improváveis entre filmes de períodos, realizadores e com “assinaturas” estilísticas diferentes. De um lado, o mau-olhado de Max Linder comunica com o infortúnio do grupo de cientistas retido numa igreja amaldiçoada por nada mais, nada menos que o Diabo em pessoa. A ligação da comédia burlesca dos anos 20 do século passado a uma das mais subestimadas obras-primas de John Carpenter da década de 1980 é mediada pela figura do espelho, usada como janela para o lado danado da vida. Um “good cop”, superpolícia tão incorruptível quanto desastrado, casa com o pior dos “bad cops”, um detetive viciado em drogas e no jogo mas em busca de redenção. A luta contra o crime é um lugar estranho, pelo que, de Jackie Chan para Abel Ferrara, a acrobacia e o riso facilmente se transformam em grito e choque. O universo bisonho de Ingmar Bergman vai a jogo, num tabuleiro de xadrez. De um lado, um cavaleiro medieval e, do outro, a Morte tentam precipitar o xeque-mate. A metáfora metaforiza-se (“sai fora”), saltando do grande ecrã para as muito animadas ruas de Los Angeles, no mais ambicioso – e cinéfilo – *blockbuster* de John McTiernan. Uma das personagens a fazer companhia ao herói de ação Arnold Schwarzenegger, neste movimento migratório para o real, é precisamente essa famosa representação cinematográfica da Morte. O mundo é um palco e o palco é um mundo de puro entretenimento, tanto em Vincente Minnelli, no seu mais genial musical produzido para a MGM, como em Seijun Suzuki, num dos seus mais exuberantes filmes de ação. O americano e o japonês “dançam” ao mesmo ritmo e intoxicados por cores que rebentam por todos os lados. Uma celebração mais pesada, ainda que tremendamente etilizada, junta outro japonês, Yasujiro Ozu, a outro americano, John Cassavetes. Bebe-se para esquecer – e para lembrar – no sentido sempre de contrariar a dura receita do destino.



► Sábado [1] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SEVEN YEARS BAD LUCK

“Sete Anos de Azar”

de Max Linder

com Max Linder, Alta Allen, Ralph McCullough,
Betty K. Peteron, Thelm Percy

Estados Unidos, França 1921 – 62 min / mudo com intertítulos em inglês,
legendados eletronicamente em português | M/12

PRINCE OF DARKNESS

O Príncipe das Trevas

de John Carpenter

com Donald Pleasence, Jameson Parker, Victor Wong,
Lisa Blount, Susan Blanchard, Alice Cooper

Estados Unidos, 1987 – 102 min / legendado em português | M/16
Duração total da projeção: 164 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

O francês Max Linder, mestre de Charles Chaplin e inspiração maior para Jacques Tati, vivia um período esplendoroso: era no início dos anos dez do século passado um dos mais prestigiados – e bem pagos – artistas do cinema. A sua partida para os Estados Unidos afigurava-se inevitável na passagem para a nova década. SEVEN YEARS BAD LUCK é o primeiro filme americano de Linder. Nele, um novelo de situações infelizes vai desenrolar-se depois de um dandy prestes a dar o nó (o próprio Linder) ter quebrado um espelho – sete anos de azar que ameaçam comprometer o enlace. O famoso gag do “falso reflexo” – posteriormente “surrupiado” pelos irmãos Marx em DUCK SOUP – ganha vida neste inspirado filme tardio de Linder, lançado apenas quatro anos antes do seu suicídio. O espelho pode devolver-nos a imagem de nós mesmos ou transportar-nos para outras dimensões. Em PRINCE OF DARKNESS, tudo começa na cave de uma igreja abandonada em Los Angeles. Há uma seita misteriosa e um sinistro líquido verde que condensa nada mais, nada menos do que a essência satânica. É este líquido que desencadeia o aparecimento de uma série de zombies enquanto o Diabo faz também a sua aparição. Kelly, uma das personagens retidas na igreja – mais um “filme de cerco” de inspiração hawksiana assinado por Carpenter –, invoca inadvertidamente o Anti-Cristo usando o espelho como um portal para o além. O filme de Linder é apresentado, em cópia digital, pela primeira vez na Cinemateca.

► Sábado [8] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GING CHAAT GOO SI

O Incorruptível

de Jackie Chan

com Jackie Chan, Maggie Cheung, Briffite Lin,
Kwok-Hung Lam, Bill Tung

Hong Kong, 1985 – 100 min / legendado em português | M/12

BAD LIEUTENANT

Polícia Sem Lei

de Abel Ferrara

com Harvey Keitel, Brian McElroy, Frankie Acciarito,
Peggy Gormley, Stella Keitel

Estados Unidos, 1992 – 96 min / legendado em português | M/18

Duração total da projeção: 196 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Um ator/realizador/acrobata capaz de reclamar a herança dos grandes *clowns* do burlesco (à cabeça, Buster Keaton e Harold Lloyd), Jackie Chan tornou-se um dos ícones maiores da época dourada do cinema de Hong Kong, seguindo a metodologia desses grandes mestres, ou seja, concebendo e coreografando as sequências de ação e só depois procurando encadear esses blocos de ação numa narrativa coerente. O INCORRUPTÍVEL – primeira obra de uma trilogia de ação *non-stop* – é o seu filme mais paradigmático ou não seria este o título predileto do próprio Chan entre os demais da sua extensa filmografia. Esta história de um polícia trapalhão, “entalado” por um poderoso *lord* do crime, mostra quão difícil pode ser equilibrar a ética profissional com a vida sentimental (uma deliciosa e rezingona Maggie Cheung bate o pé ao “superpolícia” encarnado por Chan). Em BAD LIEUTENANT, Abel Ferrara, figura incontornável do cinema americano pós-Scorsese, forja um dos seus mais infames anti-heróis, um “mau polícia” enredado no caos amoral dos subúrbios americanos, personagem que valeu a Harvey Keitel um dos melhores papéis da sua carreira. À parte a polémica com as cenas explícitas, o mais perturbante reside sobretudo na profunda ligação entre um sentimento de culpa católica e os requintes de uma violência menos gráfica do que implícita. O filme de Jackie Chan é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

► Sábado [15] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DET SJÜNDE INSEGLET

O Sétimo Selo

de Ingmar Bergman

com Max von Sydow, Bengt Ekerot, Bibi Andersson,
Gunnar Björnstrand, Nils Poppe

Suécia, 1959 – 90 min / legendado em português | M/12

LAST ACTION HERO

O Último Grande Herói

de John McTiernan

com Arnold Schwarzenegger, F. Murray Abraham,
Art Carney, Charles Dance, Ian McKellen

Estados Unidos, 1993 – 130 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Duração total da projeção: 220 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Um dos filmes mais célebres de Ingmar Bergman, que lhe trouxe o definitivo reconhecimento internacional. Bergman aborda de modo alegórico temas, como o da morte e o do sentido das coisas, que retomou num registo mais direto em outros filmes. No século XIV, durante uma epidemia de peste, um cavaleiro joga xadrez com a Morte. O homem quer saber, já não quer acreditar sem ter dúvidas. Mas a Morte não sabe o que há além da morte, pois ela é apenas a Morte. O sucesso de bilheteira ficou aquém das expectativas, mas LAST ACTION HERO é o melhor e o mais divertido dos filmes interpretados por Arnold Schwarzenegger. E também um dos mais movimentados. É a história de uma “personagem de cinema” que, por um ato de magia ativado por um garoto seu admirador, “entra” no mundo real. O grande ecrã, uma vez escancarado, oferece ainda importantes *cameos* para cinéfilo ver, destacando-se a figura da Morte (Ian McKellen), vinda diretamente de O SÉTIMO SELO para as ruas de Los Angeles. Ambos os filmes são apresentados em cópias digitais.

DOUBLE BILL

► Sábado [22] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BAND WAGON

A Roda da Fortuna

de Vincente Minnelli

com Fred Astaire, Cyd Charisse, Jack Buchanan,
Oscar Levant, Nanette Fabray

Estados Unidos, 1953 – 112 min | legendado em português | M/12

TÔKYÔ NAGAREMONO

“O Vagabundo de Tôquio”

de Seijun Suzuki

com Tetsuya Watari, Chieko Matsubara,
Hideaki Nitani, Tamio Kawaji

Japão, 1966 – 89 min | legendado eletronicamente em português | M/12

Duração total da projeção: 201 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Um dos grandes musicais do cinema americano, homenagem ao mundo do espetáculo, filme de uma melodia que adquiriu a categoria de hino: “That’s Entertainment”. Fred Astaire representa a figura de um bailarino em decadência, contratado para um espetáculo moderno, que acaba por se transformar num fabuloso musical, culminando num bailado-homenagem ao filme de gangsters. Astaire e Cyd Charisse têm um dos mais belos

pas de deux do cinema musical. O herói é batizado pelo estilista de série B Seijun Suzuki de “Tetsu, a Fénix” num dos seus mais loucos filmes de *mukokuseki akushon* (“ação sem fronteiras”, em japonês), produzidos para o estúdio da Nikkatsu. Trata-se de um *hitman* em busca de remissão, entalado entre o passado manchado de sangue e um futuro desejavelmente imune às rivalidades entre gangues. Contudo, o renascimento de Tetsu não se fará sem que tenha palco mais um derramamento de sangue, num *stand-off* delirante, cheio de ritmo e cores (as últimas que o estúdio permitiria Suzuki filmar) dignos, como descreveu Manohla Dargis, de um musical tardio da MGM. Citando Miguel Patrício, esta sequência final atesta “a capacidade subversiva da mise en scène” deste cineasta furiosamente pulp. O filme de Suzuki é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

► Sábado [29] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SAMMA NO AJI

O Gosto do Saké

de Yasujiro Ozu

com Shima Iwashita, Shinichiro Mikami,
Keiji Sada, Chishu Ryu

Japão, 1962 – 112 min

legendado eletronicamente em português | M/12

HUSBANDS

Maridos

de John Cassavetes

com John Cassavetes, Ben Gazzara, Peter Falk

Estados Unidos, 1970 – 132 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Duração total da projeção: 244 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Foi o último filme de Yasujiro Ozu e é uma nova variação sobre uma história de separação familiar em reflexão nostálgica sobre o começo do “inverno da vida”. É também a sua celebração e a despedida ao “gosto do saké”, onde cabe toda a memória do passado e dos “bons tempos”. Profundamente comovente, *SAMMA NO AJI* é um dos mais perfeitos filmes de Ozu, aquele onde a depuração do seu estilo atinge níveis supremos. Em *HUSBANDS*, três amigos, casados e com filhos, reencontram-se por ocasião da morte súbita de um antigo companheiro. O reencontro e o choque levam-nos a repetir uma das noites de farra dos seus tempos de juventude. Três interpretações notáveis (Cassavetes, Gazzara e Falk) num filme noturno e nova-iorquino, melancólico e nervoso, que é um sério candidato ao título de “melhor filme de John Cassavetes”. Ambos os filmes são exibidos em cópias digitais.



SAMMA NO AJI



THE BAND WAGON

LEMBRAR ANNA KARINA

Anna Karina (1940-2019) deixou-nos mais sós em dezembro. “A atriz que nos interpretou quando fomos felizes”, escreveu “Jorge Silva Melo, comovido” num texto que fala do segredo não desvendado pelos obituários. “Esta atriz por acaso foi a luz do verão, a luz da manhã, a brisa com que saímos da adolescência, o nosso primeiro e eterno amor, o feliz.” Karina não levou o segredo consigo, deixou-o nos filmes em que todos a lembramos vendo-a como Godard a olhou quando lhe chamou Veronica Dreyer, Angela Récamier, Nana Kleinrahenheim, Odile, Natacha von Braun, Marianne Renoir, Paula Nelson, Eleanor nos sete (mais um) filmes que fizeram juntos.

O segredo de Karina-atriz também está na personagem da religiosa Suzanne Simonin de Jacques Rivette, ou na Anna do filme homónimo de Pierre Koralnik a partir de música e canções de Serge Gainsbourg, outros dos títulos incontornáveis dos seus “anos Godard”, os 1960. A dinamarquesa Hanna Karin Blarke Bayer tornou-se Anna Karina em 1958, em Paris, batizada por Coco Chanel antes do encontro com Godard. A real dimensão da sua filmografia de mais de 60 títulos está marcada por outras colaborações importantes (Jacques Rivette, Valerio Zurlini, Luchino Visconti, George Cukor, Volker Schlöndorff, Rainer Werner Fassbinder, Raoul Ruiz ou Michel Deville, Jacques Baratier, Roger Vadim, André Delvaux, Pierre Koralnik). A real dimensão do seu percurso, pelo facto de também ter sido realizadora num momento improvável (*VIVRE ENSEMBLE*, de 1973, por ela escrito, produzido, realizado e interpretado), além de cantora e escritora. O segredo de Anna Karina está ainda nas esferas teatral e musical que foram contíguas à sua vida no cinema mas menos fulgurantemente exaltadas.

Em maio último, quando numa iniciativa conjunta com o festival Indielisboa a Cinemateca dedicou uma retrospectiva a Anna Karina, esperava tê-la em Lisboa. Por razões de saúde, Karina não pôde viajar no último momento, fazendo dessa retrospectiva um encontro falhado mas também uma ocasião de celebração que prosseguiu festiva, demonstrando aquilo a que se propunha: a intensidade da filmografia, os passos inesperados e corajosos do percurso. Em homenagem póstuma, a Cinemateca dedica um dia de programação a Anna Karina, apresentando três sessões e três filmes no dia 4: o título mais icónico da sua filmografia com Godard, que continua a arrebatar as gerações que o descobrem, jovens – *PIERROT LE FOU*; o filme em que Rivette lhe deu o papel dramático da sua vida, extravasando dos palcos – *LA RELIGIEUSE*; um filme inicial em França, contemporâneo de *UNE FEMME EST UNE FEMME* de Godard, realizado por Michel Deville e que é hoje um título relativamente esquecido (na Cinemateca é programado pela primeira vez e tem uma segunda passagem noutra data) – *CE SOIR OU JAMAIS*.



LEMBRAR ANNA KARINA

► Terça-feira [4] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PIERROT LE FOU

Pedro, o Louco

de Jean-Luc Godard

com Jean-Paul Belmondo, Anna Karina, Samuel Fuller

França, Itália, 1965 – 109 min / legendado em português | M/12

Emblema dos anos 1960, emblema do cinema moderno, PIERROT LE FOU adquiriu há muito tempo o estatuto de clássico. O mais famoso filme de Godard, de “uma beleza sublime” no dizer de Louis Aragon, continua a entusiasmar as novas gerações que o descobrem. Pierrot (le fou) e Marianne (Renoir) deixam subitamente Paris e saem pelas estradas de França, “vivendo perigosamente até ao fim”. Amam-se e matam(-se), mas principalmente recusam a civilização tal como o pequeno-burguês a concebe, vivendo o instante e o dia a dia. A fotografia a cores de Raoul Coutard é um verdadeiro compêndio de muitas tendências estéticas dos anos 60. E é aqui que Godard filma Fuller a afirmar que “o cinema é como um campo de batalha. Amor. Ódio. Ação. Violência. Morte. Numa palavra: emoção”. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [4] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [18] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CE SOIR OU JAMAIS

de Michel Deville

com Anna Karina, Claude Rich, Georges Descrières,

Jacqueline Danno, Michel de Ré, Guy Bedos,

Françoise Dorléac, Anne Tonietti, Éliane d’Almeida

França, 1961 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro filme de Michel Deville é protagonizado por Anna Karina e estreou em França antes de LE PETIT SOLDAT (1960, censurado durante três anos por alusões à Guerra da Argélia) e UNE FEMME EST UNE FEMME (1961, em que Godard filmou Karina na personagem de Angela depois de a ter olhado a 24 fotogramas por segundo como Veronica Dreyer), sendo portanto o primeiro filme em que os espectadores franceses veem Karina. É a sua primeira longa-metragem estreada e foi um filme de assinalável popularidade. A história é a de um encenador que festeja o início dos ensaios da sua primeira comédia musical quando a respetiva vedeta sofre um acidente que obriga a uma substituição de última hora. Valérie (Karina) é uma aluna do conservatório para quem a ocasião é um “ou vai ou racha”. Ou, “esta noite ou nunca”. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [4] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA RELIGIEUSE

A Religiosa

de Jacques Rivette

com Anna Karina, Liselotte Pulver, Francisco Rabal

França, 1966 – 135 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A segunda longa-metragem de Rivette adapta o romance homónimo de Diderot sobre uma jovem que é posta num convento à sua revelia. Antes mesmo de ser realizado, o filme desencadeou uma cabala de políticos conservadores, que fizeram com que fosse proibido, o que gerou um enorme escândalo. Só foi autorizado depois do título ser alterado para SIMONE SIMONIN, LA RELIGIEUSE DE DENIS DIDEROT, embora nunca ninguém se tenha referido assim ao filme. Muito diferente do estilo que Rivette adotaria a partir de L’AMOUR FOU (1969), rigoroso e rarefeito, extremamente “escrito”, LA RELIGIEUSE conta com um desempenho excepcional de Anna Karina no papel principal. A apresentar em cópia digital.

IN MEMORIAM MANUEL JORGE VELOSO

N

o final de 2019, perdemos o músico que – a par da guitarra de Carlos Paredes em VERDES ANOS – mais identificamos como a banda sonora do Cinema Novo Português. Manuel Jorge Veloso teve formação musical clássica em violino e composição, mas foi no jazz, como baterista, que acabou por se notabilizar, tendo sido um dos fundadores do Quarteto do Hot Clube de Portugal. Paralelamente, foi produtor de programas de divulgação de música clássica e de jazz na RTP e na rádio. No cinema, foi autor da banda sonora de vários filmes de ficção e de documentários, destacando-se a sua intensa colaboração com Fernando Lopes e com Alfredo Tropa nas décadas de 60 e 70. A Cinemateca homenageia-o com duas sessões que retomam algumas das suas mais notáveis contribuições para o cinema português, nomeadamente com o incontornável BELARMINO e com um conjunto de curtas metragens documentais em que a música de Manuel Jorge Veloso é um importantíssimo elemento de modernidade cinematográfica na relação entre som e imagem.



► Quarta-feira [5] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

AS PALAVRAS E OS FIOS

de Fernando Lopes

Portugal, 1962 – 12 min

BELARMINO

de Fernando Lopes

com Belarmino Fragoso, Albano Martins, Júlia Buisel

Portugal, 1964 – 72 min

duração total da projeção 84 min | M/12

sessão com apresentação

É um dos filmes chave do Cinema Novo Português, produzido por António da Cunha Telles com uma equipa pequena de jovens iniciados e baixo orçamento pouco depois de OS VERDES ANOS de Paulo Rocha. BELARMINO capta uma Lisboa noturna e marginal como até então ninguém a tinha filmado. Utilizando métodos semelhantes aos do cinema direto, Fernando Lopes segue Belarmino Fragoso, um pugilista, e através dele mostra os sinais de uma cidade (e de um país) à beira do sufoco. “BELARMINO é o nosso ‘filme negro’, o nosso filme de guerra, de gangsters ou de aventuras: fala da solidão e do medo. Fala de algo universal e por isso resiste” (José Manuel Costa). A abrir a sessão, a curta-metragem AS PALAVRAS E OS FIOS revela uma óbvia inspiração na exploração do movimento e da cor, com o jazz de Manuel Jorge Veloso na banda musical, como em BELARMINO, e o comentário de Baptista-Bastos, colaborador essencial de Lopes na sua primeira longa-metragem.

► Sexta-feira [7] 18:30 | Sala Luís de Pina

FAÇA SEGUNDO A ARTE

de Faria de Almeida

Portugal, 1965 – 10 min

A EMBALAGEM DE VIDRO

de Faria de Almeida

Portugal, 1966 – 10 min

TEJO – ROTA DO PROGRESSO

de Fernando Lopes

Portugal, 1967 – 11 min

ALMADA – VARANDA DO TEJO

de Ricardo Malheiro

Portugal, 1967 – 18 min

ÁGUAS VIVAS

de Alfredo Tropa

Portugal, 1969 – 10 min

duração total da projeção 59 min | M/12

A indústria farmacêutica em Portugal, desde a investigação até à exportação, é o tema de FAÇA SEGUNDO A ARTE, curta documental vencedora do Prémio Paz dos Reis em 1966. Filmado na Marinha Grande, A EMBALAGEM DE VIDRO acompanha o fabrico artesanal e moderno de garrafas, copos, candeeiros a petróleo e outros objetos de vidro bem como as operações técnicas da sua conveniente embalagem. TEJO – ROTA DO PROGRESSO acompanha a construção e o início da atividade do estaleiro da Lisnave no porto de Lisboa. Retrato encomendado da “outra banda” e da sua região, ALMADA – VARANDA DO TEJO aborda aspetos turísticos, urbanos e industriais do concelho. Com locução e texto de Alexandre O’Neill, ÁGUAS VIVAS traça uma panorâmica sobre as principais estâncias termais portuguesas. Todos os filmes têm na música de Manuel Jorge Veloso um elemento importantíssimo.

HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS

Continuamos em 2020 a reavistagem dos nossos anos quarenta que iniciámos em 2019 (pontualmente em alternância com obras mais recentes). Década decisiva para conhecer as tendências dominantes da ficção portuguesa durante o Estado Novo, este foi o período em que alguns filões ensaiados na década anterior atingiam o cume do sucesso, ao mesmo tempo que alguns outros, mais ambiciosos ou arriscados, soçobravam face ao contexto e às condições de produção. A VIZINHA DO LADO de António Lopes Ribeiro (porventura o cineasta mais conotado com o regime da época) é o filme com que recomeçamos essa reavistagem e situa-se no terreno familiar da comédia à portuguesa, sendo protagonizada por alguns dos nomes mais populares do cinema e do teatro nacionais desses anos.

► Segunda-feira [3] 18:30 | Sala Luís de Pina

A VIZINHA DO LADO

de António Lopes Ribeiro
com Nascimento Fernandes, Lucília Simões, António Silva,
António Vilar, Francisco Ribeiro (Ribeirinho),
Carmen Dolores, Madalena Sotto

Portugal, 1945 – 108 min | M/12

A VIZINHA DO LADO é uma adaptação para cinema de uma peça escrita em 1913 por André Brun para o teatro ligeiro. Plácido Mesquita (interpretado por Nascimento Fernandes), professor de moral numa cidade pequena, vem para Lisboa com a intenção de salvar o seu sobrinho de uma vida cheia de vícios. Uma das comédias mais conseguidas de António Lopes Ribeiro, apoiada no talento e experiência de alguns dos mais populares atores portugueses dos anos 30 e 40.



CARMEN DOLORES e ANTONIO VILAR
no filme de António Lopes Ribeiro - A VIZINHA DO LADO.
estrelado da comédia de André Brun



O QUE QUERO VER

as escolhas dos espectadores da Cinemateca

► Segunda-feira [3] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ZUI HAO DE SHI GUANG

Três Tempos

de Hou Hsiao-Hsien

com Qi Shu, Chen Chang, Fang Mei, Shu-Chen Liao

França, Taiwan, 2005 – 132 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Três histórias de amor, três períodos – 1966, 1911 e 2005 – e dois atores, Qi Shu e Chen Chang, interpretando os protagonistas. O filme é na sua integralidade do grande realizador taiwanês Hou Hsiao-Hsien, um “mestre do tempo”, como lhe chamou J. Hoberman, que aqui reflete sobre a comunicação ou falta dela na relação entre homem e mulher. A mais surpreendente é a história do meio, encenada como se fosse um filme mudo, usando-se intertítulos em vez de diálogos falados.

ANTE-ESTREIAS

Este mês traz duas sessões com obras portuguesas. A primeira sessão é composta por quatro curtas metragens de ficção (2 DTO, MEU PÁSSARO, POR DETRÁS DE PORTAS e NATUREZA MORTA) de cinco novos autores. A segunda mostra o mais recente filme de Pierre-Marie Goulet, O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES, que dá continuidade aos seus dois filmes anteriores (ENCONTROS e POLIFONIAS - PACI È SALUTA, MICHEL GIACOMETTI), formando com eles uma espécie de tríptico. Ao propôr um encontro entre as culturas portuguesa e turca, reencontra também um filme (DJERRAHI) realizado nos anos 70 sobre as confrarias sufis na Turquia.

► Segunda-feira [3] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

2 DTO

de Hernâni Duarte Maria, Pedro Noel da Luz

com Ana Oliveira, Joana Paz

Portugal, 2019 – 8 min

MEU PÁSSARO

de Alexandre Braga

com Brienne Keller

Portugal, 2017 – 14 min

POR DETRÁS DE PORTAS

de William Vitória

com Ivone Fernandes-Jesus, Ricardo Teixeira,

Bruno Xavier, Sylvie Rocha

Portugal, 2019 – 17 min

NATUREZA MORTA

de Bruno Braz

com São José Lapa, Fernanda Lapa

Portugal, 2019 – 15 min

Duração total da sessão: 54 minutos | M/12

com a presença dos realizadores

Vera regressa à sua casa de infância, um 2º Dto. nos subúrbios, para resolver as suas memórias do passado. Isolada, descobrirá algo... Em MEU PÁSSARO, uma mulher vive sozinha com um canário numa gaiola suspensa na sua sala. Ele canta, pia, querendo contar-lhe coisas... Mas é somente quando ela percebe um novo silêncio em casa que algumas coisas serão “ouvidas” na sua vida. POR DETRÁS DE PORTAS é uma história inspirada em factos reais e segue a vida de uma Santa viva (Ivone Fernandes-Jesus). Esta vive protegida pela sua mãe (Sylvie Rocha) na pequena aldeia rochosa do Reguengo Grande, Portugal. A Santa viva recebe visitas todos os dias de pessoas que lhe pedem ajuda a troco de gorjetas. Mas é a visita de um jovem especial (Ricardo Teixeira) que lhe desperta a atenção e a leva à busca de si própria. NATUREZA MORTA é um filme sobre a invisibilidade e a solidão daquelas que foram esquecidas pela cidade. No silêncio de um velho apartamento em Lisboa, uma mulher divide o silêncio das horas mortas com a irmã mais velha. São duas folhas caídas, suspensas no passado. Dessa casa, a mulher apenas sai por breves momentos: horas extraordinárias que são roubadas aquela irmã, que é em si mesma uma prisão. Na rua, foge à solidão, enquanto continua a sonhar com a música e com tudo aquilo que deixou para trás.

► Quinta-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES

de Pierre-Marie Goulet

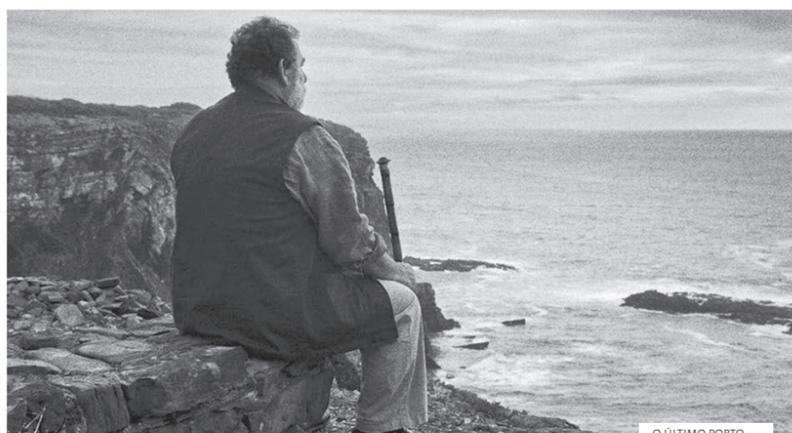
com Kudsi Erguner, Virgínia Dias, Manuela Barros Ferreira,

Cláudio Torres, Margarida Pamplona Leite, Nezh Uzel

Portugal, 2019 – 87 min | M/12

com a presença do realizador

O ÚLTIMO PORTO procura concretizar em imagens e sons o sentimento de uma analogia subterrânea, sem dúvida em parte subjetiva, a partir de dados topográficos e culturais portugueses e turcos, evocando também a permanência silenciosa da cultura muçulmana na cultura portuguesa. Ao provocar encontros entre membros destas duas culturas, por intercessão da música, da poesia e dos lugares, revela-se o que, para além dos dados históricos, tece os laços entre dois universos aparentemente tão distantes um do outro.



O ÚLTIMO PORTO

COM A LINHA DE SOMBRA



Este mês assinalamos o lançamento do livro “Esculpindo o Espaço – O Cinema de Frederick Wiseman”, de Pedro Florêncio, abordando a obra desse nome maior do cinema documental americano. No dia 4, às 18h30, propomos a exibição de HIGH SCHOOL, filme discutido no livro de Florêncio. A apresentação de “Esculpindo o Espaço” por Clara Rowland e na presença do autor acontece logo depois da sessão na livraria Linha de Sombra.

► Terça-feira [4] 18:30 | Sala Luís de Pina

HIGH SCHOOL

de Frederick Wiseman
Estados Unidos, 1968 – 75 min
legendado eletronicamente em português | M/12

sessão com apresentação

Filmado ao longo de cinco semanas em 1968, HIGH SCHOOL retrata o quotidiano de um grupo de estudantes no Northeast High School de Filadélfia, Pensilvânia. O filme documenta o modo como o sistema escolar existe não apenas assente em “factos” mas também para transmitir valores sociais de geração em geração. Parte do grande projeto de Wiseman de representação das grandes instituições americanas, HIGH SCHOOL apresenta uma série de encontros entre professores, estudantes, encarregados de educação e administradores do liceu em causa.

IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)

A rubrica tem em fevereiro duas sessões, a primeira dedicada à produtora Animais, a segunda fechando a série de sessões com que a Cinemateca se associou às celebrações do 20º aniversário da MONSTRA – Festival de Cinema de Animação de Lisboa, antecedendo a edição deste ano que acontece no próximo mês.

Fundada em 1991 por Nuno Amorim e José Pedro Cavalheiro, mais conhecido pelo nome artístico de Zepe, e mantendo até hoje uma atividade regular, a Animais é uma referência no domínio da animação portuguesa, género a que se dedica juntamente com o vídeo e a publicidade. Além de uma vasta coleção de curtas-metragens de autor, a companhia tem produzido séries infantis, documentários, publicidade e filmes institucionais. Nesta viagem pelo mundo da animação portuguesa que a Cinemateca tem vindo a propor nos últimos anos, é a vertente de animação da Animais que nos interessa e, depois de já termos dedicado sessões de autor aos dois fundadores da companhia e ainda a outros autores por ela produzidos, como Isabel Aboim Inglez, exibimos agora um grupo de títulos inéditos na nossa sala, que demonstram ainda a variedade de temas e de técnicas que a Animais tem vindo a explorar nestes quase trinta anos de existência.

A Itália é a última paragem do conjunto de sessões com que, desde há vários meses e antecedendo a 20ª edição da MONSTRA, a Cinemateca foi celebrando as duas décadas de existência do festival lisboeta especializado em cinema de animação. Com uma presença regular na história da MONSTRA, a Itália foi país-convidado da edição de 2017, tendo a ilustração do cartaz do festival desse ano sido realizada pelo multipremiado realizador italiano Gianluigi Toccafondo. Uma edição marcada pela presença de nomes fundamentais da animação italiana, como os do veterano realizador Bruno Bozzetto, do realizador Enzo D’Alò e do historiador Giannalberto Bedazzi, e pontuada ainda pelas retrospectivas de Simone Massi, de Gianluigi Toccafondo, e de um mergulho profundo, com mais de uma centena de filmes, na história da animação italiana (acompanhada por uma grande exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes com originais de mais de meia centena dos filmes apresentados).



SONOLENTA

► Quinta-feira [6] 18:30 | Sala Luís de Pina

SESSÃO ANIMAIS

O CAMPO À BEIRA-MAR

de André Ruivo
Portugal, 2015 – 8 min

JANTAR EM LISBOA

de André Carrilho
Portugal, 2007 – 10 min

CHATEAR-ME-IA MORRER TÃO JOVEEEEEEM...

de Filipe Abranches
Portugal, 2016 – 16 min

SURPRESA

de Paulo Patrício
Portugal, 2017 – 8 min

A SONOLENTA

de Marta Monteiro
Portugal, 2017 – 10 min

CIRCO

de André Ruivo
Portugal, 2017 – 7 min

À TONA

de Filipe Abranches
Portugal, 2018 – 11 min

ENTRE SOMBRAS

de Mónica Santos, Alice Guimarães
Portugal, França, 2018 – 13 min
duração total da projeção: 83 min | M/12

sessão apresentada pelo produtor Nuno Amorim e com a presença dos realizadores

Os oito filmes apresentados nesta sessão, todos inéditos na Cinemateca, mostram bem a dinâmica recente da Animais e a variedade de temas e técnicas que as suas produções abordam e utilizam. Neste conjunto de títulos encontramos contos infantis e histórias da guerra, aventuras surreais e visões realistas, animações com base em desenho tradicional, pixilação e *stop motion*. ENTRE SOMBRAS, uma coprodução luso-francesa, venceu o prémio da Academia na categoria de animação e foi candidato aos Césars, os prémios mais importantes da indústria cinematográfica francesa.

► Quinta-feira [27] 18:30 | Sala Luís de Pina

MONSTRA / ITÁLIA

MERCURIO

de Michele Bernardi
Itália, 2018 – 10 min / sem diálogos

PER TUTTA LA VITA

de Roberto Catani
Itália, 2018 – 5 min / sem diálogos

ALMA

de Michelangelo Fornaro
Itália, 2019 – 11 min / sem diálogos

SONO UN POETA, CARA!

de Vincenzo Gioanola
Itália, 2019 – 4 min / legendado eletronicamente em português

PLANETS

de Igor Imhoff
Itália, 2012 – 9 min / Sem diálogos

LO SPIRITO DELLA NOTTE

de Manfredo Manfred
Itália, 2018 – 12 min / sem diálogos

LO STEINWAY

de Massimo Ottoni
Itália, 2016 – 17 min / legendado eletronicamente em português

LE NOZZE DI POLLICINO

de Beatrice Pucci
Itália, 2019 – 6 min / legendado eletronicamente em português

X. Y. U.

de Donato Sansone
Itália, 2019 – 2 min / sem diálogos
duração total da projeção: 76 min | M/12

sessão apresentada por Fernando Galrito

A sessão com que a MONSTRA assinala a sua estreita ligação à animação italiana foi organizada pelo compositor e realizador italiano Andrea Martignoni e é composta por uma seleção de filmes recentes, entre os quais obras de grandes mestres da animação mundial, como Roberto Catani, Vincenzo Gianola, Donato Sansone ou Manfredo Manfredi.

PRÊMIO BÁRBARA VIRGÍNIA

Em colaboração com a Academia Portuguesa de Cinema

O Prémio Bárbara Virgínia, criado pela Academia Portuguesa de Cinema para “distinguir uma mulher portuguesa que se destaque na sétima arte”, anteriormente atribuído a Leonor Silveira, Laura Soveral, Teresa Ferreira e Júlia Buisel, é atribuído na edição de 2019 à cineasta Solveig Nordlund. A distinção é entregue a Solveig Nordlund numa sessão em que será exibido o seu filme *DINA E DJANGO*, antecedido de uma curta montagem de imagens sobre o trabalho da homenageada.

► Quinta-feira [6] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DINA E DJANGO

de Solveig Nordlund

com Maria Santiago, Luís Lucas, Manuela de Freitas,
Sinde Filipe, João Perry

Portugal, 1981 – 76 min | M/12

sessão com apresentação

A revolução de 1974 é o pano de fundo de *DINA E DJANGO*, em que os dois jovens heróis, dominados por frases de literatura de cordel, vivem uma paixão curta e fatal que deixa atrás de si o trágico rasto de um crime. Baseado num acontecimento verídico, *DINA E DJANGO* foi o único filme interpretado por Maria Santiago, muito devendo à força da sua presença. Um romance nada convencional cuja história se cruza com a história da Revolução e com as suas imagens. À semelhança de *A LEI DA TERRA* e de outros filmes de Solveig Nordlund desse período, *DINA E DJANGO* é uma produção do Grupo Zero.



DINA E DJANGO (RODAGEM)

NO CENTENÁRIO DO TRATADO DE VERSALHES

Há 100 anos entrava em vigor o Tratado de Versalhes, tratado de paz assinado pelas potências europeias que encerrara oficialmente a Primeira Guerra Mundial. O Tratado esteve na génese da criação da Sociedade das Nações, um dos objetivos maiores do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, que via nele um instrumento capaz de arbitrar disputas internacionais e evitar futuras guerras. A Cinemateca assinala a efeméride com a exibição de *WILSON*, *biopic* de Henry King sobre o presidente americano. Antecedendo o visionamento do filme, Mónica Dias (Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica) e Pedro Aires Oliveira (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova) situam a figura de Wilson e do seu Programa para a Paz, de onde saiu a criação da Sociedade das Nações (antepassada da atual ONU), e discutem as razões que fazem dele uma das figuras mais visionárias, mas também controversas, da história dos Estados Unidos e de todo o século XX.

► Quinta-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

WILSON

Wilson

de Henry King

com Alexander Know, Charles Coburn, Geraldine Fitzgerald, Thomas Mitchell, Cedric Hardwick, Vincent Price

Estados Unidos, 1944 – 156 min / legendado eletronicamente em português | M/12

sessão com apresentação

Um rigoroso e sóbrio *biopic* do presidente Woodrow Wilson, que levou ao envolvimento dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra e foi um dos inspiradores da criação da Sociedade das Nações. Nomeado para 10 Oscars (King recebeu a sua segunda nomeação sucessiva, após *THE SONG OF BERNARDETTE*), conquistou, entre eles, um para a fabulosa fotografia a cores de Leon Shamroy.

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável”
(João Bénard da Costa)



► Sábado [29] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WOMEN

Mulheres

de George Cukor

com Norma Shearer, Joan Crawford, Rosalind Russell,
Paulette Goddard, Joan Fontaine, Mary Boland

Estados Unidos, 1939 – 132 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Por ter trabalhado com quase todas as grandes vedetas femininas de Hollywood, Cukor foi cognominado o “cineasta das mulheres”. E nenhum filme ilustra melhor esta definição do que *THE WOMEN*, cujo elenco é exclusivamente formado por mulheres: diz-se que até os animais são fêmeas! Todas estas mulheres, exceto uma, são muito ricas e muito preocupadas com homens, sejam eles os seus maridos, ex-maridos ou os maridos alheios. Filmada a preto e branco, mas com uma sequência a cores de um desfile de modas, esta é uma das grandes comédias sofisticadas de Hollywood. A apresentar em cópia digital.

EXPOSIÇÃO

► até 28 fevereiro de 2020
14h00-19h30

Salas dos Carvalhos, Cupidos e 6x2

CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

A acompanhar o Ciclo dedicado ao cinema de Weimar, a exposição patente nas salas dos Carvalhos, Cupidos e 6x2 apresenta um conjunto de índices visuais de alguns dos temas, características e elementos desse cinema.

1 SÁBADO

- 15:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
LAST ACTION HERO
John McTiernan
- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
SEVEN YEARS BAD LUCK
Max Linder
PRINCE OF DARKNESS
John Carpenter
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE POSTMAN ALWAYS RINGS TWICE
Tay Garnett

3 SEGUNDA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
IMITATION OF LIFE
Douglas Sirk
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS
A VIZINHA DO LADO
António Lopes Ribeiro
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER
ZUI HAO DE SHI GUANG
Três Tempos
Hou Hsiao-Hsien
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS
2 DTO
Hernâni Duarte Maria, Pedro Noel da Luz
MEU PÁSSARO
Alexandre Braga
POR DETRÁS DE PORTAS
William Vitória
NATUREZA MORTA
Bruno Braz

4 TERÇA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEMBRAR ANNA KARINA
PIERROT LE FOU
Jean-Luc Godard
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA
HIGH SCHOOL
Frederick Wiseman
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEMBRAR ANNA KARINA
CE SOIR OU JAMAIS
Michel Deville
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEMBRAR ANNA KARINA
LA RÉLIGIEUSE
Jacques Rivette

5 QUARTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE BAD AND THE BEAUTIFUL
Vincente Minnelli
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
IMITATION OF LIFE
Douglas Sirk
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM MANUEL JORGE VELOSO
AS PALAVRAS E OS FIOS
BELARMINO
Fernando Lopes
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE
CHARTRES MALDONE
Jean Grémillon

6 QUINTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE FLAME AND THE FLESH
Richard Brooks

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)

SESSÃO ANIMAIS

Vários realizadores

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE

LA PETITE LISE

Jean Grémillon

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA
DINA E DJANGO
Solveig Nordlund

7 SEXTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
A LIFE OF HER OWN
George Cukor

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM MANUEL JORGE VELOSO

CURTAS METRAGENS DOCUMENTAIS

vários realizadores

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE

DAÏNAH LA MÉTISSE

Jean Grémillon

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
BACHELOR IN PARADISE
Jack Arnold

8 SÁBADO

- 15:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR/FESTIVAL PLAY
KARI-GURASHI NO ARIETTI
O Mundo Secreto de Arrietty
Hiromasa Yonebayashi

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
GING CHAAT GOO SI
O Inocentível
Jackie Chan
BAD LIEUTENANT
Abel Ferrara

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE FLAME AND THE FLESH
Richard Brooks

10 SEGUNDA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
PEYTON PLACE
Mark Robson

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
ZIEGFELD GIRL
Robert Z. Leonard

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE

CHARTRES MALDONE

Jean Grémillon

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEONARDO DI COSTANZO: COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA

L'INTRUSA

Leonardo Di Costanzo

11 TERÇA-FEIRA

- 10:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
2º Encontro Cinema e Educação

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
A LIFE OF HER OWN
George Cukor

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE
POUR UN SOU D'AMOUR
Jean Grémillon

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEONARDO DI COSTANZO: COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA

MARGOT ET CLOPINETTE

A SCUOLA
Leonardo Di Costanzo

12 QUARTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
BACHELOR IN PARADISE
Jack Arnold

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | LEONARDO DI COSTANZO: COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA

ODESSA

CADENZA D'INGANNO
Leonardo Di Costanzo

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE POSTMAN ALWAYS RINGS TWICE
Tay Garnett

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEONARDO DI COSTANZO: COMUNIDADE, ESCOLA, FAMÍLIA

L'AVAMPOSTO

L'INTERVALLO
Leonardo Di Costanzo

13 QUINTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
MADAME X
David Lowell Rich

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
DR. JEKYLL AND MR. HYDE
Victor Fleming

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NO CENTENÁRIO DO TRATADO DE VERSALHES

WILSON

Henry King

- 22:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE

Atenção ao horário

LA DOLOROSA

Jean Grémillon

14 SEXTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE

VALSE ROYALE

Jean Grémillon

- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
JOHNNY EAGER
Mervyn LeRoy

- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON O OUTRO GIGANTE

CENTINELA ALERTA!

Jean Grémillon

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE BAD AND THE BEAUTIFUL
Vincente Minnelli

15 SÁBADO

- 11:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA
UMA SANDUÍCHE DE SONS

- 15:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR/FESTIVAL PLAY
CURTAS-METRAGENS DE KOJI YAMAMURA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
DET SJÜNDE INSEGLET
O Sétimo Selo
Ingmar Bergman
LAST ACTION HERO
John McTiernan

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
PEYTON PLACE
Mark Robson

17 SEGUNDA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE THREE MUSKETEERS
George Sidney

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
DAÏNAH LA MÉTISSE
Jean Grémillon

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THEY WON'T FORGET
Mervyn LeRoy

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
GUEULE D'AMOUR
Jean Grémillon

18 TERÇA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LEMBRAR ANNA KARINA
CE SOIR OU JAMAIS
Michel Deville

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
POUR UN SOU D'AMOUR
Jean Grémillon

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
MADAME X
David Lowell Rich

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
L'ÉTRANGE MONSIEUR VICTOR
Jean Grémillon

19 QUARTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE GREAT GARRICK
James Whale

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THEY WON'T FORGET
Mervyn LeRoy

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE THREE MUSKETEERS
George Sidney

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
REMORQUES
Jean Grémillon

20 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
DR. JEKYLL AND MR. HYDE
Victor Fleming

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
ZIEGFELD GIRL
Robert Z. Leonard

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
LA PETITE LISE
Jean Grémillon

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
LUMIÈRE D'ÉTÈ
Jean Grémillon

21 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

GUEULE D'AMOUR
Jean Grémillon

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

VALSE ROYALE
Jean Grémillon

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE MERRY WIDOW
Curtis Bernhardt

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
LE CIEL EST À VOUS
Jean Grémillon

22 SÁBADO

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
RIO
Carlos Saldanha

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
THE BAND WAGON
Vincente Minnelli
TÔKYÔ NAGAREMONO
"O Vagabundo de Tóquio"
Seijun Suzuki

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
L'ÉTRANGE MADAME X
Jean Grémillon

24 SEGUNDA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
L'ÉTRANGE MONSIEUR VICTOR
Jean Grémillon

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
PATTES BLANCHES
Jean Grémillon

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
JOHNNY EAGER
Mervyn LeRoy

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
GARDIENS DE PHARE
Jean Grémillon

26 QUARTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

REMORQUES
Jean Grémillon

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

LE SIX JUIN À L'AUBE
de Jean Grémillon
LES CHARMES DE L'EXISTENCE
Jean Grémillon e Pierre Kast
LES DÉSASTRES DE LA GUERRE
Pierre Kast

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE GREAT GARRICK
James Whale

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
GARDIENS DE PHARE
Jean Grémillon

27 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

LUMIÈRE D'ÉTÈ
Jean Grémillon

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | IMAGEM POR IMAGEM
(CINEMA DE ANIMAÇÃO)

Monstra/Itália
CURTAS METRAGENS DA ITÁLIA
vários realizadores

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS
O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES
Pierre-Marie Goulet

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
L'AMOUR D'UNE FEMME
Jean Grémillon

28 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

LE CIEL EST À VOUS
Jean Grémillon

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE

L'ÉTRANGE MADAME X
Jean Grémillon

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LANA TURNER, DE HOLLYWOOD
THE MERRY WIDOW
Curtis Bernhardt

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JEAN GRÉMILLON
O OUTRO GIGANTE
PATTES BLANCHES
Jean Grémillon

29 SÁBADO

11:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA
OPERADOR DE CÂMARA POR UM DIA!

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
SEVEN YEARS BAD LUCK
Max Linder

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
SAMMA NO AJI
O Gosto do Saké
Yasujiro Ozu
HUSBANDS
John Cassavetes

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL
THE WOMEN
George Cukor

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros | Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas - > 65 anos - 2,15 euros | Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros | Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Sala M. Félix Ribeiro | Sala Luís de Pina

Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00

Venda online em cinemateca.bol.pt | Não há lugares marcados

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

Biblioteca

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30

Sala dos Carvalhos e Sala dos Cupidos

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30 - entrada gratuita

Espaço 39 Degraus

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 13:00 - 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida | bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

Cinemateca Júnior | Salão Foz, Restauradores

Horário da bilheteira: 11:00 - 15:00 | Venda online em cinemateca.bol.pt

Adultos - 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Ateliers Família: Adultos - 6,00 euros; Júnior (até 16 anos) - 2,65 euros

tel. 213 462 157 / 213 476 129 - cinemateca.junior@cinemateca.pt

Transportes: Metro: Restauradores | bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759

Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa